

Suelen Neide Vicente

**CLIVADAS COM FOCO DE INFORMAÇÃO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: Assimetria sujeito-objeto**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Quarezemin.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vicente, Suelen Neide
Clivadas com foco de informação no Português Brasileiro
: Assimetria sujeito-objeto / Suelen Neide Vicente ;
orientadora, Sandra Quarezemin - Florianópolis, SC, 2016.
94 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Clivadas. 3. Foco de informação. 4.
Português Brasileiro. I. Quarezemin, Sandra. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Linguística. III. Título.

Suelen Neide Vicente

**CLIVADAS COM FOCO DE INFORMAÇÃO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: Assimetria sujeito-objeto**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Florianópolis, 17 de maio de 2016.

Prof., Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Quarezemin
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Gustavo Freire
University of Ottawa

Prof. Dr. Marco Antônio Martins
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Núbia Saraiva Ferreira
Universidade Federal de Santa Catarina

À minha mãe e ao Diego.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Neide, pelo carinho, pelo apoio em todos os momentos e por fazer de tudo pra me ver bem.

Ao Diego, pelo amor, pela paciência e pela compreensão.

À minha orientadora, Sandra Quarezemin, pelo direcionamento da pesquisa, pelo auxílio nos momentos de dúvida e por acreditar no meu trabalho.

Às professoras Simone Guessser e Núbia Saraiva Ferreira, pelas contribuições na banca de qualificação.

Aos professores da banca de defesa, Gustavo Freire, Marco Antônio Martins e Núbia Saraiva Ferreira, por terem aceitado o convite e pelos comentários sobre o trabalho.

A todas as pessoas que me incentivaram.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo principal investigar as sentenças clivadas sujeito e objeto com foco de informação no Português Brasileiro (doravante PB). A análise seguirá a abordagem cartográfica, nos moldes da teoria Gerativa. A estrutura das clivadas é composta pela seguinte sequência: cópula + foco + CP, o foco veicula a informação nova na sentença e o CP contém a pressuposição. É consenso na literatura que esse tipo de sentença pode veicular foco contrastivo e foco exaustivo. Contudo, quando se trata de foco de informação há divergência nos trabalhos, pois enquanto alguns autores (cf. MODESTO, 2001; MIOTO, 2003) consideram as clivadas como estruturas intrinsecamente exaustivas, ou seja, elas não seriam capazes de veicular um mero foco de informação, Roisenberg e Menuzzi (2008), assim como outros autores que seguem a mesma linha, mostram alguns dados e defendem que as clivadas podem aparecer em contexto de nova informação. Essa situação se apresenta apenas com as clivadas focalizando o sujeito. Lunguinho (2015) observa que sentenças clivadas focalizando objeto podem veicular foco de nova informação quando o elemento focalizado for o objeto indireto de verbos triargumentais. Essa discussão será apresentada com mais detalhes nesta pesquisa e, a fim de verificar o comportamento das clivadas sujeito e objeto com foco de informação, foram analisados dados reais coletados em redes sociais. A partir da análise, foi constatado que clivadas focalizando sujeito aparecem com maior frequência e não apresentam restrições quanto ao número de argumentos dos verbos. Já as clivadas objeto ocorrem apenas em contextos específicos, quando o objeto focalizado é objeto indireto dos verbos triargumentais.

Palavras-chave: Clivadas. Foco. Nova informação.

ABSTRACT

This dissertation's main goal is to investigate the subject and object cleft sentences with information focus in Brazilian Portuguese (henceforth BP). The analysis will follow the cartographic approach, along the lines of Generative theory. The structure of clefts is composed by the following sequence: copula + focus + CP, focus conveys the new information in the sentence and CP contains the presupposition. There is a consensus that this kind of sentence can convey contrastive focus and exhaustive focus. However, when it comes to information focus there is disagreement, because while some authors (cf. MODESTO, 2001; MIOTO, 2003) consider clefts like intrinsically exhaustive structures, that is, they would not be capable to convey a mere information focus, Roisenberg and Menuzzi (2008), as well as other authors who think along the same lines, show some data and argue that clefts can appear in a new information context. This situation presents itself only with subject clefts. Lunguinho (2015) notes that object cleft sentences can convey new information focus when the focused element is the indirect object of three-argumental verbs. This discussion will be presented in more detail in this study and, in order to verify the behavior of subject and object clefts with information focus, actual data collected from social networks were analyzed. From the analysis, it was found that subject clefts appear more often and do not have restrictions on the number of verb arguments. Object clefts, however, occur only in specific contexts, where the focused object is indirect object of three-argumental verbs.

Keywords: Clefts. Focus. New information.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 AS SENTENÇAS CLIVADAS E A DISCUSSÃO SOBRE A ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO	17
1.1 SENTENÇAS CLIVADAS	17
1.2 FOCO	19
1.2.1 <i>Tipos de foco</i>	21
1.3 SENTENÇAS CLIVADAS E OS DIFERENTES TIPOS DE FOCO	30
1.4 RESUMO DO CAPÍTULO	32
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	35
2.1 CARTOGRAFIA	35
2.1.1 <i>Rizzi (1997)</i>	36
2.1.2 <i>Mioto (2001)</i>	39
2.1.3 <i>Belletti (2004)</i>	41
2.2 SENTENÇAS CLIVADAS	42
2.2.1 <i>Modesto (2001)</i>	42
2.2.2 <i>Mioto (2003); Mioto e Negrão (2007)</i>	45
2.2.3 <i>Sobre as diferentes definições de clivadas e os tipos de foco</i>	47
2.3 ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO NAS CLIVADAS	47
2.3.1 <i>Belletti (2008a; 2008b; 2014)</i>	48
2.3.2 <i>Guesser e Quarezemin (2013)</i>	55
2.3.4 <i>Alves et al (2015)</i>	60
2.3.5 <i>Clivadas focalizando objeto não são capazes de veicular foco de informação?</i>	61
2.4 RESUMO DO CAPÍTULO	62
3 CLIVADAS SUJEITO E CLIVADAS OBJETO NO PB	63
3.1 METODOLOGIA	64
3.2 DADOS	65
3.2.1 <i>Sentenças clivadas focalizando sujeito</i>	65
3.2.2 <i>Sentenças clivadas focalizando objeto</i>	69
3.3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	72
3.3.1 <i>Sobre a assimetria sujeito-objeto nas clivadas</i>	81
3.4 RESUMO DO CAPÍTULO	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

As sentenças clivadas normalmente estão relacionadas a contextos de focalização, mas também podem aparecer em contextos de tópico, como veremos no decorrer deste trabalho. Elas podem ser utilizadas tanto na fala quanto na escrita. Esse tipo de construção é encontrada não só no PB, mas também em outras línguas, fato que contribui para os estudos da área da sintaxe. Em relação ao PB, tomaremos como referência os seguintes autores que pesquisam as sentenças clivadas: Mioto (2001; 2003), Mioto e Negrão (2007), Modesto (2001), Kato (2009), Quarezemin (2009; 2014), Resenes (2009; 2014), Guesser (2011) e Guesser e Quarezemin (2013).

As sentenças clivadas podem veicular foco contrastivo, que envolve contraste ou correção de uma informação dada anteriormente; foco exaustivo, que fornece uma informação exaustiva; e foco de informação, que apenas fornece uma informação nova. Em relação a este último tipo de foco, verifica-se que ocorre uma assimetria quanto à focalização do sujeito e do objeto, pois enquanto uma clivada sujeito responde naturalmente uma pergunta do tipo *wh*, como em (1), uma clivada objeto não cumpre apenas o papel de responder uma pergunta sobre o objeto, mas também carrega mais informações com ela, como traço de exaustividade, por exemplo, como verificamos em (2).

- (1) a. Quem beijou o Paulo?
b. Foi a Joana que beijou o Paulo.

- (2) a. O que o Paulo comprou?
b. * Foi o carro que o Paulo comprou.

Parece ocorrer certa distinção entre o objeto direto e o objeto indireto quando clivados, já que este, mas não aquele, é capaz de veicular um simples foco de informação, como em (3).

- (3) a. Pra quem o Paulo deu o carro?
b. Foi para o irmão que o Paulo deu o carro.

Cabe observar uma restrição quanto ao tipo de verbo, já que quando se trata de um verbo biargumental, como em (4), o objeto

indireto clivado não serve de resposta a uma interrogativa, isso ocorre somente quando o verbo é triargumental.

- (4) a. Do que João precisa?
b. #É de carinho que João precisa.

Este trabalho está inserido na abordagem cartográfica, nos moldes da teoria Gerativa. Investigaremos, por meio de dados de escrita coletados em mídias digitais, a possível assimetria sujeito-objeto em sentenças clivadas com foco de informação. Também mostraremos suas estruturas bem como os contextos encontrados.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo contém a contextualização da problemática a ser investigada nesta dissertação, a definição do objeto, a descrição do fenômeno investigado e os objetivos. Nesse capítulo, faremos uma apresentação das clivadas, assim como os tipos de foco e a assimetria sujeito-objeto em clivadas com foco de informação.

No capítulo 2, apresentamos a fundamentação teórica deste trabalho. Nesse capítulo, mostraremos a proposta cartográfica, alguns estudos sobre as clivadas e o tipo de foco que elas veiculam.

O capítulo 3 será dedicado aos dados desta pesquisa. Descreveremos a metodologia, o processo de coleta dos dados, apresentaremos os dados obtidos e faremos uma análise apoiada nos trabalhos apresentados no segundo capítulo. Após o terceiro capítulo serão apresentadas as considerações finais do trabalho, nela descritas as principais conclusões desta dissertação.

1 AS SENTENÇAS CLIVADAS E A DISCUSSÃO SOBRE A ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO

Neste primeiro capítulo serão apresentadas as sentenças clivadas, os tipos de foco presentes na literatura e a discussão sobre a assimetria sujeito-objeto nas clivadas com foco de informação. Também serão apresentados o objetivo e a hipótese da pesquisa.

De acordo com Kato (2009), as clivadas começaram a aparecer no PB apenas a partir do século XVIII, no Português Moderno, como nos mostram os exemplos (1a-b), abaixo, retirados de Kato (2009, p. 380).

(1) a. É [_F O REI LEGÍTIMO] que devemos opor ao usurpador.
(séc. XVIII)

b. É [_F NAS MÃOS DE VOSSA EMINÊNCIA] que êles depositam hoje a sorte da Igreja e da França (séc. XVIII)

1.1 SENTENÇAS CLIVADAS

Sentenças clivadas são estruturas complexas que normalmente estão associadas à focalização, mas também podem ocorrer em contextos de tópico, como veremos mais adiante. Elas são formadas pela seguinte estrutura: cópula + foco + CP, sendo o CP preenchido pelo complementizador ‘que’. Em (2), abaixo, temos dois exemplos de clivadas: (2a), uma clivada focalizando o sujeito, e (2b), uma clivada focalizando objeto.

(2) a. Foi [_F a Maria] que comeu o bolo.

b. Foi [_F o bolo] que a Maria comeu.

Como podemos observar nos exemplos acima, o foco encontra-se entre colchetes e aparece ensanduichado entre a cópula e o complementizador ‘que’.

Ainda quanto à estrutura das clivadas, o foco, que se localiza entre a cópula e o complementizador, é a informação não compartilhada da sentença, e o CP, sentença encaixada que segue o foco, contém a informação compartilhada entre os interlocutores¹, retomaremos a discussão de foco mais à frente.

¹ Para Roisenberg e Menuzzi (2008), o CP que segue o foco nas clivadas contém uma pressuposição lógica, ou seja, é assumido como verdadeiro por

No PB, podemos encontrar não só as clivadas canônicas, exemplificadas em (2), mas também as clivadas invertidas, que se diferenciam daquelas no que diz respeito à posição do foco, pois enquanto as canônicas apresentam o elemento focalizado pós-cópula, nas invertidas o foco aparece em posição pré-copular, como nos mostram os exemplos em (3), abaixo.

- (3) a. [_F A Maria] foi que comeu o bolo.
 b. [_F O bolo] foi que a Maria comeu.

Como podemos observar, em (3) o foco encontra-se no início da sentença, e não ensanduichado entre a cópula e o CP.

Além das sentenças clivadas canônicas e invertidas, também existem as pseudoclivadas, que se diferenciam das clivadas pelo fato de apresentarem um elemento “wh”, e não um complementizador, como nos mostram os exemplos abaixo:

- (4) a. Quem comeu o bolo foi [_F a Maria].
 b. O que a Maria comeu foi [_F o bolo].

Nos exemplos (4) temos uma pseudoclivada focalizando o sujeito (4a) e uma pseudoclivada focalizando o objeto (4b). O elemento “wh”, como esperado, está presente em ambas. Alguns autores (MODESTO, 2001; COSTA; DUARTE, 2001; PINTO, 2008) analisam as clivadas e as pseudoclivadas como o mesmo tipo de estrutura, chamada de análise unificada. Já outros autores (MIOTO, 2003; MIOTO; NEGRÃO, 2007; QUAREZEMIN, 2009; 2014) consideram as clivadas e as pseudoclivadas como estruturas diferentes. Trataremos dessa questão mais adiante, no capítulo dois, quando mostrarmos as diferenças nas propostas de análise de Modesto (2001) e Miotto (2003) e Miotto e Negrão (2007) para as clivadas.

Nesta dissertação assumimos Miotto e Negrão (2007) e não consideramos a análise unificada, pois de acordo com as evidências apresentadas pelos autores, que veremos com mais detalhes no próximo capítulo, clivadas e pseudoclivadas são estruturas diferentes. Desta forma, as pseudoclivadas estão fora do escopo da pesquisa e estudaremos apenas as sentenças clivadas canônicas, já que não

alguns dos participantes do discurso, mas não necessariamente é uma informação dada no contexto.

encontramos dados de clivadas invertidas no banco de dados nem nas redes sociais.

É importante observar que nem sempre uma sentença com a sequência *cópula + XP + CP* (preenchido pelo complementizador ‘que’) pode ser considerada uma clivada. De acordo com Mioto e Negrão (2007), dependendo do contexto, o elemento ensanduichado entre a *cópula* e o *CP* pode não ser o foco da sentença. Os exemplos (5), (6) e (7), abaixo, retiradas de Mioto e Negrão (2007), nos mostram a diferença entre uma sentença clivada e uma não clivada com a mesma estrutura. A sentença (5) pode ser considerada uma clivada apenas quando responde a pergunta (6), pois o elemento que se localiza entre a *cópula* e o *CP* é o foco, ou seja, a informação nova da sentença. Em contrapartida, quando responde a pergunta (7), a sentença (5) não pode ser considerada uma clivada, já que o elemento que ocupa a posição do foco faz parte da pressuposição, portanto, não é a informação nova, já que esse é um requisito para ser considerado foco da sentença, como veremos mais adiante.

(5) Foi o aluno que foi reprovado.

(6) Quem foi que foi reprovado?

(7) Qual foi o aluno que pediu revisão de prova?

Na próxima seção, apresentaremos a definição de foco e três diferentes tipos de foco: o informacional, o exaustivo e o contrastivo.

1.2 FOCO

Não podemos falar da assimetria sujeito-objeto nas sentenças clivadas sem estudarmos os diferentes tipos de foco. Portanto, a seguir, mostraremos o que alguns autores já trataram sobre os focos de informação, contrastivo e exaustivo, e os contextos em que eles ocorrem, daremos atenção especial ao foco de informação por este ser de fundamental importância para esta pesquisa.

Na sintaxe, o foco é a informação nova da sentença, ou seja, a informação não compartilhada por algum (ns) dos interlocutores. De acordo com a proposta cartográfica, há apenas um foco por sentença e, quanto à sua posição, ele pode aparecer *in situ* ou deslocado.

Segundo Mioto (2003, p. 169), foco é um “conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença”. O foco pode ser a sentença inteira ou pode estar articulado com a pressuposição. Uma sentença pode ser dividida entre a pressuposição, informação partilhada pelos participantes do discurso; e o foco, informação não partilhada pelos participantes do discurso. Vejamos o contexto abaixo:

- (8) a. Quem bebeu o suco?
 b. A Maria bebeu o suco.

Em (8a), a pergunta requer uma informação que não faz parte do conhecimento compartilhado. Essa informação será o foco da sentença, no caso de (8b), é o constituinte [A Maria].

Mioto (2003), a fim de auxiliar na identificação da pressuposição, apresenta o teste da negação, que consiste em negar a própria sentença. Assim, a informação que continuar sendo verdadeira nas sentenças mesmo após a negação é a pressuposição, como observamos nos exemplos (9a-c), abaixo, retirados de Mioto (2003, p. 170-171):

- (9) a. Foi [_F a Pandora] que gerou a polêmica.
 b. Não foi [_F a Pandora] que gerou a polêmica.
 c. Alguém gerou a polêmica.

Em (9a), uma sentença clivada, o constituinte entre colchetes é o foco; em (9b) temos a negação da clivada; e, em (9c), a pressuposição, ou seja, o que permanece verdadeiro mesmo com a negação da sentença, que neste caso é “alguém gerou a polêmica”.

Como já mencionamos anteriormente, o foco pode ocupar diferentes posições na sentença. Mioto (2003) apresenta exemplos do foco *in situ*, reproduzido em (10a), abaixo; e do foco deslocado para a periferia esquerda da sentença, como em (10b-c). Nesse caso, o foco pode vir acompanhado do complementizador *que*, como em (10c).

- (10) a. O João comprou [_F aquele carro].
 b. [_F Aquele carro] o João comprou.
 c. [_F Aquele carro] que o João comprou.

A seguir, veremos os principais tipos de foco conhecidos na literatura.

1.2.1 Tipos de foco

Os tipos de foco mais comuns na literatura são três: o foco de informação, que apenas fornece uma informação nova; o foco exaustivo, que fornece uma informação exaustiva; e o foco contrastivo, que corrige ou contrasta uma informação dada anteriormente.

Kiss (1998) mostra a diferença entre os focos exaustivo (que a autora chama de ‘identificacional’) e de informação. Segundo a autora, o foco de identificação ocupa o especificador de uma projeção funcional, já o foco de informação não está relacionado à reordenação sintática. Seu trabalho tem como base a análise das línguas húngara e inglesa. Para ela, a clivada é a realização do foco de identificação em inglês. Veremos essas e outras questões com mais detalhes a seguir.

De acordo com Kiss (1998), um foco identificacional representa um subconjunto do conjunto de elementos dados no contexto ou na situação. O foco identificacional, portanto, é o subconjunto exaustivo do conjunto para o qual o predicado se aplica. Semanticamente², o foco identificacional representa o valor da variável ligado por um operador abstrato expressando uma identificação exaustiva. Sintaticamente, o foco de identificação age, ele próprio, como um operador, movendo-se de sua posição de escopo de uma projeção funcional, e vincula uma variável. Em (11) e (12), retirados de Kiss (1998), temos exemplos de sentenças com foco exaustivo no húngaro (foco pré-verbal) e no inglês (sentença clivada).

(11) Mari **egy kalapot** nézett ki magának.

(Foi um chapéu que Mary escolheu para si mesma)

(12) It was **a hat** that Mary picked for herself.

(Foi um chapéu que Mary escolheu para si mesma)

Quanto ao foco de informação, a autora afirma que este expressa uma informação nova, não pressuposta, marcado por um acento (elevação tonal). O foco de informação não estaria associado a movimento. Kiss (1998) ainda afirma que cada sentença possui um foco de informação, mas nem toda sentença veicula foco de identificação.

Para Kiss (1998), a diferença entre os dois focos não é apenas pragmática, a autora os considera semântica e sintaticamente diferentes.

² Nesta dissertação não trataremos da semântica. Analisaremos apenas aspectos sintáticos.

Isso vale tanto para o húngaro quanto para o inglês. A identificação exaustiva é uma função do foco estrutural, constituído pelo foco pré-verbal em húngaro, como vimos em (11), acima, ou seja, localizado na periferia esquerda da sentença, e pelo constituinte clivado na língua inglesa, como nos mostra o exemplo (12).

Em relação ao foco de informação, a autora afirma que ele não possui uma posição específica na sentença em qualquer idioma, e que ele é marcado apenas na prosódia.

Kiss (1998) fornece alguns argumentos para mostrar a importância da distinção entre os focos de informação e de identificação. Abaixo, listamos alguns desses argumentos e a seguir os apresentaremos com mais detalhes.

a) O foco identificacional expressa identificação exaustiva, já o foco de informação apenas veicula uma informação não pressuposta.

b) Determinados tipos de constituintes, como quantificadores universais podem não funcionar com foco identificacional, contudo, o foco de informação não parece oferecer restrição quanto a esses constituintes.

c) O foco de identificação é movido para o especificador de uma projeção funcional, já o foco de informação não envolve movimento.

A fim de verificar a exaustividade das sentenças, Kiss (1998) apresenta um teste elaborado por Szabolcsi (1981) e Dona Farkas. O teste consiste em utilizar um par de sentenças o qual a primeira contenha um foco composto por dois DPs coordenados e a segunda mantenha apenas um dos DPs. Se a segunda sentença não for uma consequência lógica da primeira, então o foco é exaustivo. A autora apresenta dois pares de sentença, reproduzidos em (13) e (14), abaixo, com exemplos em húngaro e inglês.

(13) a. Mari **egy kalapot és egy kabátot** nézett ki magának.

It was **a hat and a coat** that Mary picked for herself.

(Foi um chapéu e um casaco que Mary escolheu para si mesma).

b. Mari **egy kalapot** nézett ki magának.

It was **a hat** that Mary picked for herself.

(Foi um chapéu que Mary escolheu para si mesma).

(14) a. Mari ki nézett magának egy kalapot és egy kabátot.

Mary picked a hat and a coat for herself.

- (Mary escolheu um chapéu e um casaco para si mesma).
 b. Mari ki nézett magának egy kalapot.
 Mary picked a hat for herself.
 (Mary escolheu um chapéu para si mesma).

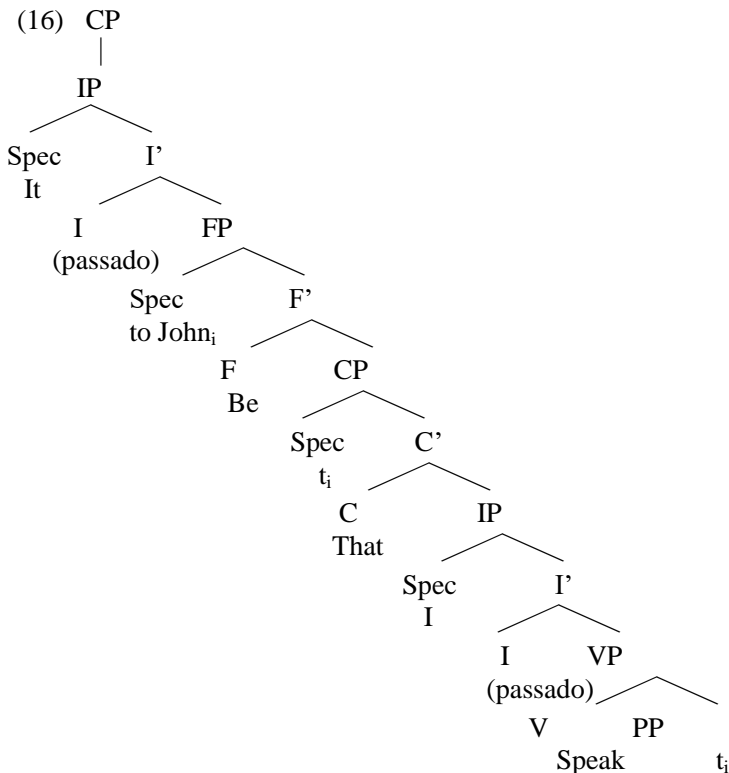
De acordo com Kiss (1998), o exemplo (13) apresenta um par de sentenças clivadas e a sentença (b) não é uma consequência lógica da primeira. Já no par (14), a sentença (b) está entre as consequências lógicas da sentença (a). Deste modo, apenas (13a) veicula foco exaustivo.

Sobre os quantificadores universais, a autora afirma que esses elementos não podem ocupar a posição de foco de identificação no húngaro. O mesmo ocorre nas clivadas do inglês que também veiculam foco de identificação, como nos mostram os exemplos (15), abaixo. Já o foco de informação parece não oferecer muitas restrições no que diz respeito aos quantificadores.

- (15) * Mari minden kalapot nézett ki magának.
 * It was every hat that Mary picked for herself.
 (* Foi cada chapéu que Mary escolheu para si mesma)

Quanto à posição do foco de identificação em húngaro, Kiss (1998), baseada em Brody (1990; 1995) e em outros trabalhos gerativos, afirma que o foco ocupa a posição de especificador na projeção FP (do inglês, *Focus Phrase*), e o complemento de F é ocupado pela parte da sentença sobre a qual o foco tem escopo. Em húngaro, a projeção de foco domina o VP, e pode ser dominada por projeções de quantificadores e tópico.

Já no inglês, a construção que caracteriza o foco identificacional é a clivagem. De acordo com a análise apresentada, o constituinte clivado ocupa a posição de especificador da projeção FP. A autora então apresenta a estrutura (16), abaixo, para uma clivada no inglês.



(Foi para John que eu falei)

De acordo com a estrutura (16), o foco ‘to John’ foi gerado como argumento interno de VP, passou pelo especificador de CP e, por fim, chegou ao especificador de FP, recebendo a interpretação de foco de identificação.

Ainda sobre a posição do foco de identificação, Kiss (1998) conclui que esse tipo de foco ocupa uma posição de especificador da projeção FP em inglês e em húngaro. A diferença entre as duas línguas é que em húngaro o complemento de F é um VP, enquanto em inglês é um CP (clivada). Já o foco de informação não possui posição específica na sentença.

A autora afirma que a categoria do foco identificacional é limitada, pois não “aceita” os seguintes constituintes: sentenças *que*, sentenças no infinitivo, VPs e predicativos NP/AdjP. E ilustra com os exemplos abaixo:

- (17) a. *Janos [spec-FP [(**azt**) **hogy** **Mari** **elkesild**] sugta nekem t_i .
 *It was **that Mary would be late** that John whispered to me.
 (* Foi **que Maria estaria atrasada** que John sussurrou para mim.)
- b. *Janos [spec-FP [**minden evben egy uj ant& venni**]_i] akart t_i .
 *It was **to buy a new car every year** that John wanted.
 (*Era **comprar um carro novo a cada ano** que John desejava.)
- c. *Janos r spec-FP [VP **megnezni a filmet**]_i] fogja t_i .
 *It is **see the film** that John will.'
- d. ??Janos [spec-FP [AdjP **faradt**]_i] volt ritkan t_i .
 *It was **tired** that John was seldom.'

Segundo Kiss (1998), o motivo pelo qual as sentenças em (17), acima, são inaceitáveis é semântico, já que os elementos que ocupam a posição de foco identificacional não denotam indivíduos, que serviriam como domínio primário de quantificação. Já o foco de informação, por não envolver quantificação em um conjunto de entidades, não está relacionado às restrições impostas ao foco identificacional.

Além de apresentar os argumentos para a diferenciação dos focos identificacional e de informação, Kiss (1998) estuda o(s) traço(s) que podem estar relacionados ao foco de identificação. Para a autora, o foco de identificação no húngaro expressa identificação exaustiva, mas pode ser, também, [+/- contrastivo]. A autora considera o foco identificacional [+ contrastivo] no húngaro se há um conjunto fechado de entidades conhecido pelos participantes do discurso. Um foco identificacional também pode ser [- contrastivo], isso ocorre quando o conjunto de entidades é aberto, ou seja, não há um conjunto de elementos explícito na pergunta para então ser identificado na resposta, nos mostram os exemplos (18), abaixo, retirados de Kiss (1998, p. 268).

- (18) a. Ki írta a Haborti es beket?
 `Who wrote War and Peace?'
 (Quem escreveu 'Guerra e Paz'?)
- b. [Tope A Haborti es beket [Fp Tolsztoj írta]]
 `It was Tolstoy who wrote War and Peace.'
 (Foi Tolstoy quem escreveu 'Guerra e Paz'.)

Como podemos observar nos exemplos acima, o foco de identificação pode ser [+/- contrastivo] também no inglês. A autora inclusive complementa que no inglês esse tipo de foco pode ser utilizado mesmo quando não há qualquer grupo fechado, de acordo com o exemplo (19), abaixo, retirado de Kiss (1998, p. 268).

- (19) It was because of the rain that we arrived late.
(Foi por causa da chuva que chegamos tarde)

Por fim, a autora também analisa o comportamento do foco de identificação nas línguas italiana, catalã e romena. Sobre essas línguas, Kiss (1998) afirma que elas possuem um foco identificacional pré-verbal e o foco de informação *in situ*. O foco de identificação dessas línguas, diferentemente do inglês e do húngaro, é composto sempre pelos traços [+exaustivo] e [+contrastivo]. Assim, um foco de identificação só pode ser utilizado nos contextos em que há um grupo fechado de elementos conhecidos pelos participantes do discurso. Em (20), abaixo, temos um exemplo de foco identificacional no italiano, retirado de Kiss (1998, p. 269)

- (20) a. Chi di voi due ha rotto il vaso?
(Quem de vocês dois quebrou o vaso?)
b. Maria ha rotto il vaso.
(Maria quebrou o vaso.)

Em resumo, Kiss (1998), estudando dados das línguas húngara e inglesa, conclui que o termo “foco” é utilizado para dois tipos de fenômenos sintática e semanticamente diferentes. Há o foco de identificação, que semanticamente é um operador que expressa identificação exaustiva; e sintaticamente é um constituinte que ocupa a posição de especificador de uma projeção funcional. Já o foco de informação, que veicula uma informação nova, não envolve reordenação sintática e é identificado apenas na prosódia. Além disso, o foco identificacional está relacionado aos traços [exaustivo] e [contrastivo], sendo que em determinadas línguas o foco identificacional determina valor positivo para ambos os traços e em outras apenas para o traço [exaustivo].

Zubizarreta (1998), em seus estudos sobre o foco, assume que esse elemento é a parte não pressuposta da sentença, já a parte pressuposta da sentença é a informação que o falante e o ouvinte

compartilham. A autora, seguindo Chomsky (1971; 1976) e Jackendoff (1972), utiliza o teste pergunta/resposta para identificar o foco e a pressuposição, como nos mostra o exemplo (21), abaixo, retirado de Zubizarreta (1998, p. 2):

- (21) a. Who ate the pie?
 (Quem comeu a torta?)
 b. **Someone** ate the pie.
 (Alguém comeu a torta)
 c. There is an **x**, such that **x** ate the pie.
 (Existe um x, tal que x comeu a torta).

No exemplo (21), acima, o foco *someone* (alguém) é a informação nova na sentença porque a pressuposição da pergunta (alguém comeu a torta) se mantém. Assim, o elemento que substitui a expressão Wh é o foco. Em (c), temos a representação, em termos de quantificação existencial, do par pergunta/resposta.

Zubizarreta (1998) propõe a Estrutura de Aserção (*Assertion Structure* - AS) para representar uma interpretação abstrata do foco na sentença. A AS, segundo a autora, é representada no contexto, ou seja, nos casos de pares pergunta/resposta o pressuposto presente na pergunta faz parte da AS da resposta. A AS seria composta por duas afirmações: A1, que é composto pela pressuposição e contém um quantificador existencial; e A2, que contém o foco. Deste modo, a AS do exemplo (22) seria aquele representado em (23), abaixo, retirado de Zubizarreta (1998, p. 5)

- (22) a. Who ate the pie?
 (Quem comeu a torta?)
 b. John ate the pie.
 (John comeu a torta)
- (23) A1: there is an **x**, such that **x** ate the pie.
 (Existe um x, tal que x comeu a torta)
 A2: the **x**, such that **x** ate the pie = John.
 (O x, tal que x comeu a torta = John.)

A autora refere-se à A1 como a parte pressuposicional e à A2 como a afirmação principal.

Zubizarreta (1998) também estuda o foco contrastivo. Segundo a própria autora, o contexto para esse tipo de foco é fornecido por uma

afirmação precedente no discurso, chamada de declaração contextual. O foco contrastivo tem como principais funções: a) negar um valor atribuído a uma variável dada na declaração contextual e; b) introduzir um valor alternativo a esta variável. Abaixo temos um exemplo de foco contrastivo³:

(24) John is wearing a RED shirt today (not a blue shirt).

(John está vestindo uma blusa VERMELHA hoje (não uma blusa azul))

Na sentença (24) há duas proposições ordenadas, “John não está vestindo uma blusa azul hoje” e “John está vestindo uma blusa vermelha hoje”. Agora vejamos, abaixo, a AS proposta pela autora da sentença (24).

(25) A1: There is an x, such that John is wearing x.

(Existe um x, tal que John está vestindo x)

A2: it is not the case that the x (such that John is wearing x) = a blue shirt and the x (such that John is wearing x) = a red shirt.

(não é o caso que x (tal que John está vestindo x) = uma blusa azul e o x (tal que John está vestindo x) = uma blusa vermelha)

Mioto (2003), levando em consideração os trabalhos de Kiss (1998) e Zubizarreta (1998) sobre os tipos de foco, distingue dois tipos de foco a partir do traço [contrastivo]: o contrastivo, que pode ser representado como [x mas não y], e o foco não contrastivo ou foco de informação, que não apresenta contraste.

Ainda em relação aos traços que distinguem os tipos de foco, Mioto (2003) observa que Kiss (1998) agrega o traço [exaustivo] para a distinção do foco. Assim, quando o valor do foco for positivo para esse traço, ele é denominado ‘foco de identificação’ e pode ser interpretado como [x e apenas x], já quando o valor for negativo, temos o foco de informação, exemplificado em (26).

(26) a. O que o José ganhou?

b. José ganhou [_F um perfume].

³ Os exemplos (24) e (25) referem-se aos exemplos (14) e (15) de Zubizarreta (1998, p. 7).

Sobre a diferença entre os trabalhos das duas autoras, Mioto (2003, p. 174) afirma que, “enquanto para Kiss o foco é um constituinte sobre o qual se predica alguma coisa (portanto, um tipo especial de sujeito), para Zubizarreta o foco é o predicado de uma sentença equativa.”

O autor, com base nos traços [exaustivo] e [contrastivo], analisados por Zubizarreta e Kiss, produz um quadro, retratado em (27), incorporando os dois traços, mostrando três diferentes tipos de foco: o de informação, o não contrastivo e o de identificação/exaustivo.

(27) Quadro representando os tipos de foco

a. [- contrastivo, - exaustivo]	Informação (K), não-contrastivo (Z)
b. [- contrastivo, + exaustivo]	De identificação (K)
c. [+ contrastivo, - exaustivo]	*
d. [+ contrastivo, + exaustivo]	Contrastivo (K) e (Z)

Fonte: Mioto (2003, p. 174)

Como podemos observar no quadro acima, as propostas de Kiss e Zubizarreta convergem em um caso de foco, alterando apenas a terminologia, assim como em (27d); em contrapartida, em (27b), as propostas divergem, de acordo com Mioto (2003), pelo fato de Zubizarreta não considerar o foco de identificação. Por fim, (27c) é inviável, já que a contrastividade implica necessariamente a exaustividade e, portanto, não há foco contrastivo sem ser exaustivo.

Em relação ao foco de informação, Mioto (2003) afirma que este apenas fornece uma informação solicitada e o contexto típico desse foco é composto por uma pergunta Wh. Assim, o elemento focalizado substituirá a expressão Wh na resposta, como ilustrado em (28) e (29), abaixo:

- (28) a. O que a Maria comeu?
b. A Maria comeu [_F uma torta].

- (29) a. O que aconteceu?
b. [_F A Maria comeu uma torta].

Já os focos exaustivo e contrastivo, além de veicularem uma informação nova, são associados a outros traços discursivos. No caso do

foco exaustivo, o traço envolvido é a de informação exaustiva, e o foco contrastivo envolve contraste ou correção de uma informação dada anteriormente, como nos mostra o exemplo de Mioto (2003), retratado em (30), abaixo.

(30) Um carro (que) o João comprou (e não um avião).

Após apresentarmos as clivadas e os principais tipos de foco estudados na literatura, entraremos na problemática central desta pesquisa. Portanto, a seguir veremos os tipos de foco veiculados pelas clivadas e a assimetria que ocorre no que diz respeito ao foco de informação.

1.3 SENTENÇAS CLIVADAS E OS DIFERENTES TIPOS DE FOCO

Após apresentar os três tipos de foco presentes na literatura - o foco de informação, o foco contrastivo e o foco de identificação/exaustivo - mostraremos, a seguir, de que forma esses diferentes tipos de foco manifestam-se nas clivadas.

De acordo com alguns autores (cf. MODESTO, 2001; MIOTO, 2003), sentenças clivadas podem veicular apenas foco contrastivo ou exaustivo porque elas seriam, segundo eles, intrinsecamente exaustivas. No entanto, a partir dos resultados do experimento de Guessser (2007), que será tratado mais adiante, a autora constatou que, dentre outras estratégias de focalização, os participantes respondiam perguntas sobre o sujeito com uma clivada, ou seja, as clivadas sujeito poderiam veicular foco de informação. Na mesma linha, Roisenberg e Menuzzi (2008) apresentaram dados retirados de jornais mostrando clivadas com foco não exaustivo/não contrastivo. A partir dos dados de Guessser (2007) sobre a possibilidade de as clivadas serem capazes de responder uma pergunta sobre o sujeito, Belletti (2008; 2014), apoiada em estudos sobre o francês, também apresentou dados de sentenças clivadas com foco de nova informação. As pesquisas de Belletti (2008), Quarezemin (2009, 2014) e Guessser e Quarezemin (2013) verificaram que as clivadas podem veicular os três tipos de foco e discutem a assimetria sujeito-objeto no que diz respeito ao foco de informação.

Guessser e Quarezemin (2013) e Quarezemin (2014) defendem que clivadas podem veicular foco de informação. Contudo, as autoras verificam que essa possibilidade só ocorre quando o elemento focalizado é o sujeito da sentença, como podemos observar nos

exemplos (30a-b). As clivadas focalizando o objeto não ocorrem em contexto pergunta-resposta, de acordo com (31a-b), pois parece que o foco não cumpre apenas o papel de solicitar uma informação, mas também carrega mais informações com ele. As autoras então apresentam uma proposta de análise em termos cartográficos para a assimetria sujeito-objeto nas clivadas em contexto de nova informação do PB, aprofundaremos esse tema no segundo capítulo. Belletti (2008; 2014) também admite a possibilidade desse tipo de sentença veicular foco de informação apenas quando o foco da sentença é o sujeito, a focalização do objeto não seria utilizada nesse contexto específico.

- (30) a. Quem comeu a torta?
 b. Foi [um rapaz] que comeu a torta.

- (31) a O que o Pedro trouxe para a festa?
 b. # Foi [uma torta] que o Pedro trouxe.

Segundo Guessier e Quarezemin (2013), clivadas canônicas com objeto foco de nova informação/não contrastivo podem ocorrer, mas em contextos específicos, quando o elemento focalizado já está presente no contexto discursivo. Deste modo, o elemento focalizado, além de portar o traço [+foco], também apresenta uma leitura de tópico, como podemos observar no exemplo retirado de Guessier e Quarezemin (2013), abaixo:

- (32) a. Qual destes caras a Maria beijou na festa ontem?
 b. Foi [aquele cara] que a Maria beijou.

Ainda em relação à assimetria sujeito-objeto nas sentenças clivadas com foco de informação, Lunguinho (comunicação pessoal)⁴ observa que há uma distinção entre o objeto direto e o objeto indireto clivados, já que este, mas não aquele, é capaz de responder uma pergunta que requer um simples foco de informação, como podemos ver no exemplo (33), abaixo.

- (33) a. Pra quem você emprestou o livro?
 b. Foi [_F pra Joana] que eu emprestei o livro.

⁴ Observação de Lunguinho na apresentação do trabalho sobre o estado-da-arte das clivadas de autoria de Silveira e Quarezemin (2015), no VII EGG, realizado em Buenos Aires.

Entretanto, parece haver restrição quanto ao tipo de verbo, pois quando se trata de um verbo biargumental o objeto indireto clivado não serve de resposta a uma interrogativa, como nos mostra o exemplo (34).

- (34) a. De quem a Maria gosta?
 b. ?/# É do João que a Maria gosta⁵.

Diante da discussão sobre a assimetria nas clivadas que veiculam foco de informação, a proposta desta dissertação é investigar se as clivadas sujeito e objeto são capazes de veicular foco de nova informação no PB sob a vertente cartográfica, que tem como objetivo elaborar mapas das sentenças a fim de mostrar a estruturação das projeções hierárquicas.

Nosso objetivo principal nesta dissertação é investigar se clivadas sujeito e clivadas objeto no PB podem estar associadas ao foco de informação. Para isso, apresentaremos a discussão presente na literatura acerca da assimetria sujeito-objeto nas clivadas com foco de informação; pesquisaremos dados de clivadas com foco de informação em banco de dados e em redes sociais e; analisaremos os dados encontrados com base na discussão apresentada no segundo capítulo.

A nossa hipótese é de que há diferença estrutural entre clivadas sujeito e clivadas objeto no PB, visto que apenas as clivadas sujeito são capazes de veicular um foco de informação.

1.4 RESUMO DO CAPÍTULO

O objetivo deste primeiro capítulo foi apresentar as clivadas, a noção de foco, os tipos de foco, a relação deles com as clivadas e a problematização do nosso objeto de estudo. Assim, relembremos, resumidamente, cada ponto.

Sentenças clivadas são sentenças complexas que normalmente são utilizadas para focalizar um constituinte. Sua estrutura é composta pela cópula + foco + CP. O CP, que segue o foco, contém a pressuposição e é preenchido pelo complementizador ‘que’.

O foco veicula a informação nova da sentença. Neste primeiro capítulo apresentamos, com base nos trabalhos de Kiss (1998), Zubizarreta (1998) e Mito (2003), três tipos diferentes. O foco de informação apenas veicula a informação nova na sentença. Já os focos

⁵ Nesta dissertação, utilizaremos os símbolos (#) e/ou (?) para sinalizar que a sentença é inadequada no contexto apresentado.

exaustivo e contrastivo, além de carregarem a informação nova, contêm outros traços discursivos a eles atrelados. O foco exaustivo/de identificação veicula uma informação exaustiva, enquanto o foco contrastivo contrasta ou corrige uma informação dada anteriormente.

Após apresentarmos as clivadas e os tipos de foco, apresentamos, citando trabalhos que serão estudados mais detalhadamente no próximo capítulo, como os diferentes tipos de foco manifestam-se nas clivadas. Vimos que quanto aos focos contrastivo e exaustivo não há problema na relação deles com as clivada tanto sujeito quanto objeto. Já em relação ao foco de informação não é consenso entre os autores que as clivadas veiculam esse tipo de foco. Dentro desse tema, apresentamos trabalhos que mostram a assimetria nas sentenças clivadas quando veiculam um foco de informação, já que enquanto uma clivada sujeito seria capaz de veicular foco contrastivo, exaustivo e de informação, uma clivada objeto não seria adequada em um contexto de nova informação. Também mostramos a observação de Lunguinho de que as clivadas objeto podem veicular foco de informação, mas isso ocorre em um contexto específico, apenas quando o elemento clivado for o objeto indireto de sentenças com verbos triargumentais. Por fim, apresentamos a proposta deste trabalho, que consiste em apresentar com mais detalhes a discussão acerca das clivadas sujeito e objeto que veiculam foco de informação e analisar dados de clivadas focalizando sujeito e objeto. Também apresentamos os objetivos e a hipótese da pesquisa.

Dedicaremos o próximo capítulo à fundamentação teórica deste trabalho. Apresentaremos a vertente cartográfica, assim como trabalhos que discutem a estrutura das clivadas e a questão da assimetria sujeito-objeto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentaremos os textos teóricos que utilizamos de base para este trabalho. Na seção sobre a cartografia, começaremos por Rizzi (1997), passaremos por Mioto (2001) e, por fim, Belletti (2004). Então mostraremos alguns trabalhos teóricos sobre as clivadas, como o de Modesto (2001), Mioto (2003) e Mioto e Negrão (2007). Por fim, na seção sobre a assimetria entre a clivada sujeito e a clivada objeto, apresentaremos as propostas de Belletti (2008a; 2008b, 2014) e Guesser e Quarezemin (2013). Também mostraremos o experimento de Alves *et al* (2015) sobre as diferenças entre clivadas sujeito e objeto.

2.1 CARTOGRAFIA

De acordo com Cinque e Rizzi (2008), estruturas sintáticas são objetos complexos. A cartografia é uma linha de pesquisa que busca desenhar mapas detalhados das configurações sintáticas. A ideia de elaborar mapas das estruturas sintáticas surgiu no início dos anos noventa. Os autores afirmam que o fator principal que provavelmente desencadeou o surgimento da cartografia foi a explosão de núcleos funcionais identificados nos dez primeiros anos da Teoria de Princípios e Parâmetros.

Primeiro desenvolveu-se a ideia de que as sentenças são formadas por uma estrutura lexical e uma estrutura funcional mais alta, correspondendo a blocos hierarquicamente organizados. Logo após os pesquisadores perceberam que a estrutura funcional é formada por mais de um núcleo.

De acordo com os autores, a abordagem cartográfica propõe que a hierarquia das projeções funcionais que dominam VP, NP, AP, PP, IP, dentre outros, pode ser universal. Desse modo, os núcleos e especificadores que elas envolvem são os mesmos, ainda que as línguas possam diferir no tipo de movimento que elas admitem. Consequentemente, se uma língua apresenta evidências da existência de um núcleo funcional particular, então esse núcleo deve estar presente nas outras línguas, ainda que não seja morfologicamente realizado. Portanto, é de suma importância estudar as comparações entre as línguas a fim de obter evidências para a determinação precisa da ordem das diferentes projeções funcionais.

Os autores elencam uma importante propriedade que direciona os estudos cartográficos, qual seja: uma propriedade (morfossintática) – um

traço – um núcleo, o princípio de correspondência *one-to-one*. Cada núcleo expressa uma propriedade particular que será capturada pela estrutura em uma posição também específica.

A seguir, apresentaremos as propostas de Rizzi (1997), Miotto (2001) e Belletti (2004).

2.1.1 Rizzi (1997)

Rizzi (1997) analisa a estrutura da periferia esquerda utilizando algumas ideias apresentadas por Chomsky (1993) e fundamenta-se nos Critérios presentes nos trabalhos de Rizzi (1991) e Haegeman (1995), dentre outros. Os dados analisados na pesquisa são, principalmente, das línguas italiana, francesa e inglesa.

De acordo com Rizzi (1997), a representação estrutural de uma sentença é composta por três tipos de áreas estruturais, sendo cada camada uma instância da teoria X-barra, são elas: a lexical (VP), comandada pelo verbo, onde ocorre a atribuição de papéis temáticos; a flexional (IP), comandada por núcleos funcionais, responsável pelo licenciamento de determinadas funções morfológicas como caso e concordância; e a área do complementizador (CP), geralmente representada por um morfema funcional livre, nas línguas que possuem foco, que hospeda tópicos e operadores como pronomes interrogativos e declarativos, elementos focalizados, dentre outros.

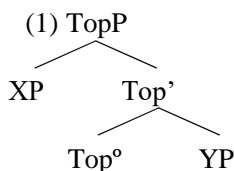
No fim dos anos 1980, a partir do trabalho de Pollock (1989), que analisa o movimento do verbo, a área flexional (IP) foi desmembrada em uma série de projeções funcionais, identificadas com traços específicos expressos de forma concreta ou abstrata no sistema verbal (Agr, T, Asp...).

O papel do sistema complementizador na estrutura da sentença é o de conectar o conteúdo proposicional (expresso pelo IP) com a estrutura hierarquicamente superior. Desse modo, espera-se que o sistema C expresse, pelo menos, dois tipos de informação: uma voltada para a estrutura superior e outra para a inferior. Em relação à estrutura superior, o complementizador é responsável por expressar o tipo da sentença (Force), seja ela uma interrogativa, declarativa, exclamativa, etc. No que diz respeito à estrutura inferior, o sistema C expressa a finitude da sentença (Fin).

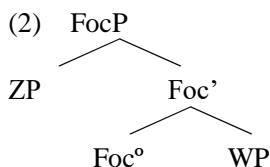
O sistema CP também é responsável por articular funções que podem ocorrer na periferia esquerda, como por exemplo, os pares tópico-comentário e foco-pressuposição.

De acordo com Rizzi (1997), o tópico é um elemento anteposto, separado do restante da sentença por uma pausa e geralmente expressa uma informação já conhecida pelos falantes, em geral, presente no contexto discursivo; o comentário, por sua vez, é um tipo de predicado complexo relacionado ao tópico.

O autor propõe a estrutura representada em (1), abaixo, para mostrar a relação tópico/comentário, onde XP corresponde ao tópico; e YP corresponde ao comentário:



Como podemos observar em (1), Top°, um núcleo funcional pertencente ao sistema complementizador, projeta sua própria estrutura X-barra: o especificador é o tópico, e o seu complemento é o comentário. Quanto à articulação foco-suposição, o foco veicula a informação nova e a suposição é a informação compartilhada pelos participantes da conversa. A relação foco/suposição proposta por Rizzi (1997, p. 287) é representada em (2), ZP representa o foco e WP a suposição. O foco localiza-se no Spec do FocP e a suposição é o seu complemento.



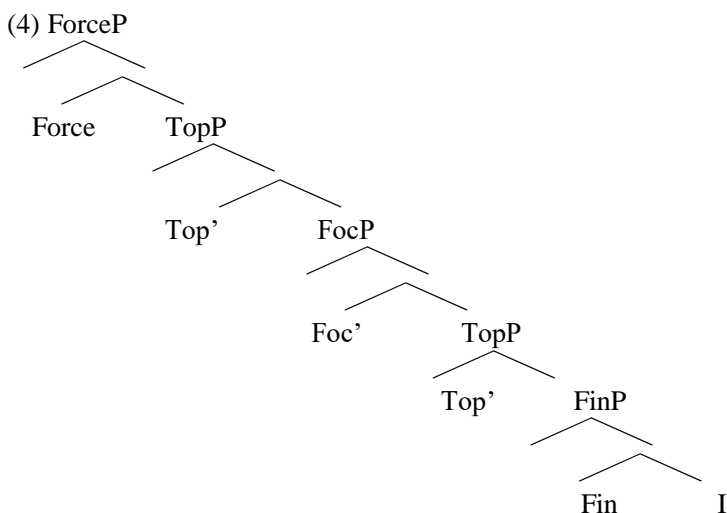
O autor então salienta que os movimentos de tópico e foco ocorrem para satisfazer critérios requeridos por Top e Foc⁶, respectivamente.

⁶ De acordo com Miotto (2003, p. 183), o sistema de critérios “é uma versão de sistemas que valorizam a relação Spec/núcleo como expressão da compatibilidade de traços”. Vejamos abaixo os critérios Foc (i) e Top (ii).

De acordo com a proposta, os sistemas tópico e foco estão presentes apenas nas estruturas que apresentam constituintes portando traços de foco e tópico. Caso isso aconteça, as categorias de tópico e foco localizam-se entre Force e Fin, como nos mostra a representação de Rizzi (1997), reproduzida em (3), abaixo:

(3) Force (Topic) (Focus) Fin IP

Rizzi (1997) postula que o CP contém diversos constituintes, como podemos observar em (4)⁷.



-
- (i) (a) um constituinte interpretado como foco deve estar em configuração Spec/núcleo com um núcleo [+foc]; e
 (b) um núcleo [+foc] deve estar em configuração Spec/núcleo com um constituinte focalizado.
- (ii) (a) Um tópico deve estar em configuração Spec/núcleo com X° marcado pelo traço [+Top]; e
 (b) Um núcleo Top° marcado pelo traço [+Top] deve estar em configuração Spec/núcleo com um tópico.

⁷ Estrutura retirada de Rizzi (1997, p. 297).

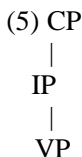
As categorias representadas na estrutura (4) são de dois tipos. O primeiro subsistema é composto por ForceP e FinP⁸, projeções que fecham o sistema CP na parte de cima e na parte de baixo, e conectam o CP com a estrutura superior e inferior; e o segundo tipo, que engloba os sistemas FocP e TopP, codifica informações do tipo tópico e foco.

A categoria ForceP é responsável pelo tipo da sentença (declarativa, interrogativa, clivada, etc.) e está voltada para a estrutura superior. Nas sentenças matrizes, por exemplo, essa estrutura superior é a articulação com o discurso. Cada sentença é encabeçada por um CP, mesmo que esse não apresente itens em seu domínio. Em determinadas línguas, como o inglês, a existência do CP pode ser explícita. Assim, podemos concluir que o sistema ForceP está presente nas sentenças matrizes, mesmo que de forma abstrata.

2.1.2 Miotto (2001)

Miotto (2001) aplica o sistema de critérios do CP expandido, desenvolvido nos trabalhos de Rizzi (1996; 1997; 1999), no PB.

De acordo com Miotto (2001), uma sentença é composta por uma hierarquia de constituintes complexos de natureza funcional (CP e IP) e lexical (VP), como em (5)⁹, abaixo, onde cada constituinte possui suas propriedades específicas.



Miotto (2001) assume a estrutura de Rizzi (1997) formada por ForceP e FinP, retratada em (4), na seção anterior. A fim de exemplificar essa estrutura, Miotto (2001) apresenta duas sentenças, uma declarativa simples, reproduzida em (6a), e uma interrogativa sim/não, em (6b) e afirma que o que as diferencia é o CP, mesmo que não haja um item que torne esse domínio explícito. O CP abstrato codifica estruturalmente a diferença na entoação entre as duas sentenças, transmitindo a elevação do tom final em (6b).

⁸ Na seção seguinte abordaremos essa questão com mais detalhes.

⁹ Exemplo (1) de Miotto (2001, p. 97).

- (6) a. O João viu a Maria ontem.
b. O João viu a Maria ontem?

Já nas sentenças encaixadas, a categoria ForceP conecta o sistema CP com o núcleo que a subcategoriza, como podemos observar nos exemplos (7)¹⁰ e (8), abaixo:

(7) a. O João perguntou [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

b. * O João perguntou [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].

(8) a. O João acha [_{ForceP} que a Maria encontrou o Pedro no cinema].

b. * O João acha [_{ForceP} onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

Em (7), o verbo *perguntar* subcategoriza um ForceP interrogativo, condição que é atendida em (7a), mas não em (7b), que contém um ForceP declarativo, o que torna a sentença agramatical. Já em (8), o verbo *achar* subcategoriza um ForceP declarativo, condição atendida em (8a), mas não em (8b), que apresenta um ForceP interrogativo. Assim, Miotto (2001), seguindo Rizzi (1997) afirma que o tipo do CP é definido pelo preenchimento do Spec de ForceP ou do núcleo.

A categoria FinP conecta o sistema CP com o sistema IP e é responsável por determinar a finitude da sentença. Miotto (2001) afirma que, geralmente, as sentenças matrizes são finitas. Contudo, uma sentença matriz infinitiva pode ocorrer se ela for licenciada por um ForceP interrogativo ou imperativo, como nos mostram os exemplos (9)¹¹, abaixo:

- (9) a. O que fazer numa situação dessas?
b. Fazer o quê?
c. Girar a alavanca à direita.
d. Não apoiar na porta.

¹⁰ Os exemplos (7) e (8) correspondem às sentenças (8) e (9) de Miotto (2001, p. 102).

¹¹ Exemplos retirados de Miotto (2001, p. 104).

Em relação ao tópico, Miotto (2001) afirma que a expressão topicalizada é retomada por uma categoria vazia nomeada de constante nula (*nc*, do inglês *constant null*). Desse modo, a função do operador é relacionar a categoria vazia com o tópico, como nos mostra o exemplo (10), abaixo.

(10) As flores_i [OP_i (o João vai dar *nc_i* para a noiva)].

Em relação à categoria FocP, o autor afirma que as sentenças focalizadas e as interrogativas Wh estruturam-se do mesmo modo. Sendo assim, o critério Wh, (11)¹², elaborado por Rizzi (1996), também vale para as sentenças focalizadas:

(11) Critério Wh (foco)

a. Um operador *wh* (Foc) deve estar em configuração Spec-núcleo com um X^o [+wh (Foc)]

b. Um X^o [+wh (Foc)] deve estar em configuração Spec-núcleo com um operador *wh* (Foc).

Em resumo, como já vimos na seção sobre Rizzi (1997), o núcleo Force determina o tipo da sentença e o núcleo Fin determina a finitude das sentenças e eles podem ser nulos ou preenchidos. Já os subsistemas FocP e TopP são responsáveis por codificarem informações como tópico e foco.

2.1.3 Belletti (2004)

Belletti (2004), seguindo os estudos cartográficos, analisa a estrutura da área mais baixa da sentença. A autora afirma que a área imediatamente acima de VP apresenta uma semelhança estrutural com a periferia esquerda da sentença, o CP, e propõe uma área acima de VP para alojar constituintes com funções de tópico e foco.

O sujeito pós-verbal, no italiano, é interpretado como foco de nova informação, como nos mostra o exemplo de Belletti (2004), reproduzido em (12), abaixo:

(12) a. Chi è partito/ ha parlato?

¹² Retirado de Miotto (2001, p. 113).

- (Quem saiu/ falou?)
 b. È partito/ha parlato Gianni.
 (Saiu/falou Gianni)
 c. # Gianni è partito/ ha parlato.
 (Gianni saiu/falou)

A partir dos dados apresentados em (12), temos uma evidência de que o sujeito pós-verbal no italiano veicula um foco de nova informação, já que responde a uma pergunta do tipo Wh, o que não acontece com um sujeito pré-verbal, como nos mostra a inadequação da sentença (12c) nesse contexto. Belletti (2004), então, propõe que o sujeito pós-verbal veiculando nova informação ocupa uma posição baixa de foco, interna à IP. Já o foco localizado na periferia esquerda, em italiano, está associado à interpretação contrastiva/exaustiva.

Na próxima seção veremos alguns trabalhos sobre a análise das sentenças clivadas.

2.2 SENTENÇAS CLIVADAS

Nesta seção, apresentaremos alguns trabalhos sobre a estrutura das sentenças clivadas sob a vertente cartográfica. Apresentaremos as propostas de Modesto (2001), Belletti (2004), Miotto (2003) e Miotto e Negrão (2007).

2.2.1 Modesto (2001)

Modesto (2001) segue os moldes da Teoria Gerativa da Gramática, conhecida como Teoria de Princípios e Parâmetros, formalizada por Chomsky (1981; 1986). O autor apresenta uma proposta de análise das construções clivadas do PB, que pode ser utilizada para qualquer construção que envolva focalização de um constituinte. O principal objetivo do trabalho é redefinir a clivagem e outras construções a partir de leituras semânticas e propor uma análise sintática que dê conta dos dados do PB.

Para o autor, sentenças clivadas são

sentenças em que a cópula seleciona uma oração desenvolvida contendo um elemento focal (marcado pelo traço F) e que o movimento desse constituinte para [Spec CP] dessa oração é

interpretado em LF como gerando leituras características. (MODESTO, 2001, p. 14).

O autor analisa as pseudoclivadas como sentenças que possuem um movimento prosodicamente motivado de um constituinte frasal para a posição de [Spec TP]. Esse movimento, assim como nas clivadas, é interpretado em LF, gerando leituras de sentenças com foco marcado. Para o autor, essa proposta permite: unificar a análise das clivadas e pseudoclivadas, diferenciando-se pela natureza do movimento sintático de cada construção; correlacionar sentenças clivadas com outras sentenças de foco marcado e; explicar peculiaridades das interrogativas do PB.

Modesto (2001) questiona algumas definições de clivagem, como a de Quirk et al. (1989) por se tratar de uma definição puramente descritiva e, em muitos casos, dúbia. Além disso, a definição de Quirk (1989) apresenta uma distinção entre as Clivadas e as Pseudoclivadas, o que vai de encontro com a proposta de unificação de Modesto (2001). A justificativa do autor para a proposta de análise unificada relaciona-se com as leituras semânticas que elas veiculam. Para Modesto (2001, p. 20), “em todas as construções focais que produzem certas leituras semânticas características, há um processo sintático comum que é responsável pelo surgimento dessas leituras.”

Então, o autor apresenta a seguinte definição de clivagem, fundamentada principalmente em leituras semânticas, que norteia o seu trabalho: “Construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barrado dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade.” (MODESTO, 2001, p. 21) O autor aproveita da definição de Quirk apenas a afirmação de que sentenças clivadas são constituídas por duas orações. Após a definição, Modesto (2001) apresenta uma lista com os tipos de sentença que ele considera clivadas e seus respectivos exemplos, repetidos em (13):

- (13) Construções clivadas (MODESTO, 2001, p. 22)
- a. É a Suzanita que quer casar. (Clivada - CL)
 - b. A Suzanita é que quer casar. (Clivada -CL)
 - c. Inteligente é a Mafalda. (Sentença Copular Pseudoclivada - CPC)
 - d. A conta pago eu. (Sentença Não-Copular Pseudoclivada - NCPC)
 - e. Quem quer casar é a Suzanita. (Pseudoclivada)

f. É a Suzanita quem quer casar. (Pseudoclivada extraposta – PCE)

Para Modesto (2001), apesar de a maioria das construções clivadas apresentarem o verbo cópula, isso não é verdadeiro para todos os casos, como podemos observar em (13d).

A análise semântica da clivagem apresentada pelo autor baseia-se em Higgins (1973) e Declerck (1988). De acordo com estes dois autores, sentenças especificacionais (ESP) especificam um valor a uma variável, como nos exemplos (14), uma pseudoclivada, e (15), uma sentença clivada, abaixo.

(14) Quem roubou o peixe foi o Obelix. (p. 29)

(15) Foi o Obelix que roubou o peixe. (p. 29)

Em (14), a variável (ou sujeito ou pressuposição) é a relativa livre “quem roubou o peixe” e o valor (ou predicado ou foco) é “Obelix”. Já na clivada, em (15), o valor será sempre o foco, neste caso, “o Obelix” e a variável, a sentença encaixada introduzida pelo complementizador *que*, “roubou o peixe”.

Por outro lado, as sentenças predicacionais (PRED) “ao invés de atribuírem um valor a uma variável, apenas predicam uma propriedade ao referente da expressão que aparece como variável.” (MODESTO, 2001, p. 29) Em (16), abaixo, a propriedade de ser esperto é atribuída ao referente da relativa livre.

(16) Quem roubou o peixe foi esperto.

Apesar da diferença entre as sentenças ESP e PRED, a predicação não ocorre apenas nas sentenças PRED. Por exemplo, (17a) pode ter uma leitura ESP, descrita em (17b), assinalando um valor (bobo) a uma variável (o que José é). Assim, a propriedade de ser bobo é predicada diretamente a José.

(17) a. O que José é é bobo.

b. O José é x e x=bobo.

Após apontar a diferença entre as leituras ESP e PRED, o autor afirma que “toda construção clivada tem leitura ESP”. E ainda, que “o processo da clivagem é responsável por dar à predicação uma leitura

ESP, ou seja, a de atribuir um valor a uma variável, o que torna qualquer outra leitura impossível nessas sentenças.” (MODESTO, 2001, p. 31) Com isso, ele conclui que a impossibilidade da leitura PRED nas clivadas é sintaticamente determinada e que as construções clivadas (clivadas e pseudoclivadas) são exclusivamente ESP.

Quanto às sentenças ESP, o autor afirma que essas possuem uma ideia de contraste, já que, ao atribuírem um valor a uma variável, automaticamente criam um contraste com os outros valores não selecionados. O contraste, de acordo com Declerck, implica na *exclusividade*. Já Higgins (1973) entende que essa lista de possíveis valores dada por uma clivada dispara leitura de *exaustividade*. Com isso, Modesto (2001) define as leituras de contraste, exclusividade e exaustividade como as principais características das sentenças clivadas. As leituras das clivadas são atribuídas, segundo o autor, pelo movimento A-barra característico da clivagem.

Já em relação às PRED, Modesto (2001, p. 40) afirma que essas sentenças não apresentam contraste nem exaustividade e, portanto, “se uma sentença PRED é clivada (é alvo do movimento que forma as clivadas), imediatamente, essa sentença adquire leitura ESP.”

2.2.2 Mioto (2003); Mioto e Negrão (2007)

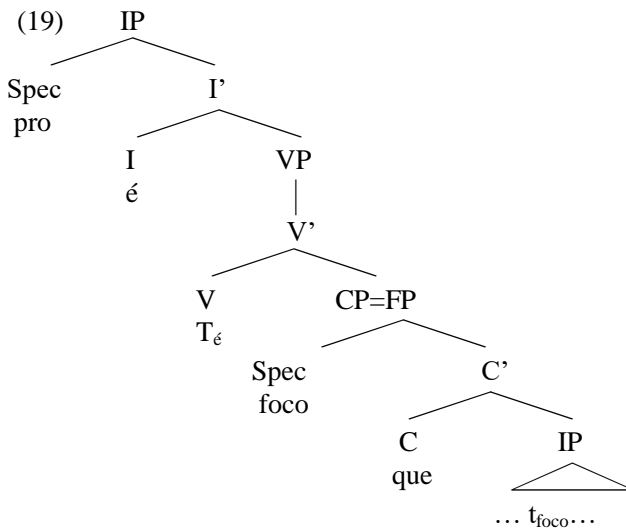
Mioto (2003) afirma que as clivadas e as pseudoclivadas possuem estruturas diferentes. A principal diferença entre os dois tipos de sentenças é que nas pseudoclivadas a expressão Wh está presente, enquanto as clivadas constituem-se com um complementizador.

De acordo com o autor, a derivação de uma clivada como (18a) seria (18b), abaixo:

- (18) a. Foi um carro que o João comprou.
 b. Foi [_{FocP} um carro_i que [_{IP} o João comprou t_i]].

De acordo com a derivação acima, o constituinte focalizado sai da posição interna a IP e ocupa uma posição na periferia esquerda da sentença. Neste caso, dizemos que o constituinte foi deslocado.

Quanto à estrutura das sentenças clivadas, Mioto (2001), seguindo a análise apresentada em Kiss (1998), propõe o esquema reproduzido em (19), também adotado por Mioto e Negrão (2007).



De acordo com a estrutura (19), a cópula, um verbo inacusativo, seleciona um CP complemento que contém o traço [+foco] e o especificador do CP deve ser preenchido pelo constituinte focalizado. Este CP corresponde à projeção funcional FocP. O foco, portanto, é gerado dentro do IP e deslocado para a periferia esquerda da sentença.

Mioto e Negrão (2007) afirmam que a clivagem se dá por meio de dois tipos de sentenças plenas: as clivadas e as pseudoclivadas. Os autores não consideram, como Modesto (2001), que a clivagem ocorre sempre que se verifica focalização; ela é apenas uma dentre outras estratégias de focalização. Para Mioto e Negrão (2007), o que as sentenças clivadas e pseudoclivadas possuem em comum são os elementos, ou seja, uma cópula, um foco e um CP. Porém, elas distinguem-se pelo preenchimento do CP: o núcleo C de uma clivada é preenchido pelo complementizador *que*, enquanto o Spec de uma pseudoclivada é ocupado pela expressão Wh.

Vejamos os exemplos (20) e (21)¹³ sobre a posição do CP nas duas estruturas:

¹³ Correspondentes às sentenças (27a-d) de Mioto e Negrão (2007).

- (20) a. [_{CP} O que o menino comeu] foi o bolo.
 b. Foi o bolo [_{CP} o que o menino comeu].

- (21) a. Foi o bolo [_{CP} que o menino comeu].
 b. [*Que o menino comeu] foi o bolo.

Os exemplos acima nos mostram que o CP das pseudoclivadas (20a-b), mas não o das clivadas (21a-b) poder aparecer tanto no início da sentença quanto no fim. Essa diferença entre os dois tipos de sentença (clivadas e pseudoclivadas) apresenta um argumento a favor da proposta de que clivadas e pseudoclivadas são estruturas diferentes e, portanto, sua análise não deve ser unificada.

2.2.3 Sobre as diferentes definições de clivadas e os tipos de foco

Diante das diferentes definições das sentenças clivadas e dos tipos de foco apresentados nesta dissertação, faz-se necessário tomarmos nossa posição a respeito do assunto.

Em relação à definição e estrutura das sentenças clivadas, assumiremos a análise dos seguintes autores: Mioto (2003) e Mioto e Negrão (2007), assim como fizeram outros pesquisadores da área, como: Quarezemin (2009; 2014), Resenes (2009; 2014) e Guesser (2011). Portanto, de acordo com essa definição, uma clivada plena é constituída pela cópula, o elemento focalizado e o CP preenchido pelo complementizador.

Quanto aos tipos de foco, seguimos o quadro elaborado por Mioto (2003), retratado em na seção 1.2.1 sobre os traços e os tipos de foco, e assumimos que um foco de informação apresenta valor negativo para os traços [exaustivo] e [contrastivo].

2.3 ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO NAS CLIVADAS

Segundo Modesto (2001), Mioto (2003), e Mioto e Negrão (2007) as sentenças clivadas veiculam apenas foco contrastivo e exaustivo. A partir do experimento de Guesser (2007), que será abordado mais adiante, a autora verificou que, diante de uma pergunta sobre o sujeito, alguns informantes responderam utilizando uma clivada sujeito. A partir desse resultado, Belletti (2008), Quarezemin (2009; 2014) e Guesser e Quarezemin (2013) estudaram as clivadas em contexto de informação e verificaram que clivadas sujeito podem veicular os três tipos de foco –

de informação, contrastivo e exaustivo –. No entanto, quanto ao foco de informação, as clivadas apresentam uma assimetria sujeito-objeto.

Nesta seção apresentaremos trabalhos acerca da assimetria sujeito-objeto nas sentenças clivadas com foco de nova informação.

2.3.1 Belletti (2008a; 2008b; 2014)

Em dois estudos sobre as sentenças clivadas, Belletti (2008a; 2008b) mostra diferenças entre algumas línguas no que diz respeito à focalização do sujeito em contexto de nova informação. Na língua italiana, a estratégia preferida adotada pelos falantes é a estrutura VS, conhecida como “inversão livre”, exemplificada em (22b), abaixo. Na língua francesa, a resposta mais comum para uma pergunta sobre o sujeito se dá a partir de uma clivada reduzida, como nos mostra o exemplo (23b). Já no inglês, os falantes geralmente respondem utilizando uma sentença de ordem SV, como em (24b), denominada pela autora de focalização *in situ*.

- (22) a. Chi è partito / ha parlato ?
 b. È partito / ha parlato Gianni.

- (23) a. Qui est parti/ a parlé?
 b. C'est Jean (qui est parti/ a parlé)

- (24) a. Who came/spoke?
 b. *John* did

A autora também mostra exemplos de estratégias de focalização do sujeito em outras línguas, inclusive no Português Europeu (PE), que se comporta como a língua italiana, adotando a ordem VS, como nos mostra o exemplo (25), abaixo.

- (25) a. Quem é que telefonou?
 b. Telefonou o Hans.
- a. Quem levou as flores?
 b. Levou (as flores) o João.
- a. Quem é que saiu (ontem)?
 b. (Ontem,) saiu a Maria.

de foco. Isso explicaria então porque as duas estratégias de focalização, ordem VS e clivada reduzida, são adequadas para responder uma pergunta sobre o sujeito.

Sobre a focalização do objeto, Belletti (2008a) afirma que as línguas italiana, inglesa e francesa não apresentam diferença na focalização desse elemento e que, diante de uma pergunta sobre o objeto, a estratégia mais recorrente dentre os falantes é a focalização de ordem SVO para todas as línguas, como podemos ver nos exemplos (28), (29) e (30), abaixo, retirados de Belletti (2008, p. 7).

(28) a. Che cosa hai comprato?
(O que você comprou?)

b. Ho comprato un libro
(Eu comprei um livro)

(29) a. Qu'as-tu acheté /Qu'est-ce-que tu as acheté?
b. J'ai acheté un livre

(30) a. What have you bought ?
b. I have bought a book

Belletti (2008a) apresenta um experimento cujos resultados estão em Belletti e Leonini (2004). O experimento foi executado da seguinte maneira: alguns voluntários assistiam a um vídeo e depois respondiam perguntas elaboradas pelos autores pedindo alguma informação sobre o sujeito da sentença. Esse experimento foi feito em italiano com estrangeiros que falavam essa língua. Guesser (2007) reaplicou o mesmo experimento, só que em PB com falantes nativos. O resultado obtido pela autora mostra que, dos falantes que responderam as perguntas sobre o sujeito, 50% das sentenças eram clivadas, 38% usaram a ordem SV, 8% responderam com sentenças do tipo VS e 4% com passivas.

As clivadas encontradas no experimento aplicado por Guesser (2007) são de tipos variados, como podemos ver em (31), abaixo, retirados de Belletti (2008a), diante da pergunta “Quem falou?”:

(31) a. Foi um rapaz que falou.
b. Foi um rapaz.
c. Um rapaz que falou.
d. Quem falou foi um rapaz.

Diante das respostas obtidas em (31), Belletti (2008a), seguindo Guessser (2007) nomeia cada tipo de clivada e apresenta suas respectivas representações, como podemos ver em (32), abaixo:

(32) a. Clivada

[_{TP} *pro*(expl) Foi ..[_{Top} [_{Foc} *um rapaz* [_{Top} [_{vP} - [_{SC} - [_{CP} que falou]]]]]]]]

b. Clivada reduzida

[_{TP} *pro*(expl) Foi ... [_{Top} [_{Foc} *um rapaz* [_{Top} [_{vP} - [_{SC} - [_{CP} ~~que falou~~]]]]]]]]

c. Clivada truncada

[~~_{TP} *pro*(expl) Foi ...~~ [_{Top} [_{Foc} *um rapaz* [_{Top} [_{vP} - [_{SC} - [_{CP} que falou]]]]]]]]

d. Pseudoclivada

[_{TP} [_{CP} quem falou] foi ... [_{Top} [_{Foc} *um rapaz* [_{Top} [_{vP} - [_{SC} -]]]]]]]

(32a) é uma sentença clivada plena. Na representação (32b) o CP predicado da small clause (SC) complemento da cópula é reduzido, como na resposta típica da língua francesa. Em (32c) também ocorre uma redução da estrutura, porém, a redução é feita na sentença matriz, esse tipo de estrutura é chamado de clivada truncada. Em (32d) temos uma pseudoclivada, nessa derivação ocorre o movimento do CP para uma posição de sujeito. Para a autora, todas as estruturas de (32) compartilham a propriedade de o sujeito de nova informação estar em uma posição baixa de foco.

De acordo com Belletti (2008a), as respostas sobre o sujeito em PB podem ser divididas em dois grupos: SV e clivadas. O que vai ao encontro das estratégias adotadas por falantes de língua de sujeitos nulos, como podemos observar nas sentenças em (32) em que um

expletivo nulo (*pro*) é adotado para ser o sujeito nulo da sentença quando o verbo principal é a cópula.

A proposta de Belletti (2008a) para as clivadas sujeito é a seguinte: SC complemento da cópula como sendo um CP contendo um traço EPP a ser checado. O restante do CP que segue o complementizador ‘que’ funcionaria como o predicado da SC. Segundo a própria autora, o termo small clause (SC) se refere a qualquer constituinte com um traço EPP ativo.

Estudando as clivadas com dados do italiano, Belletti (2008) mostra que tanto um sujeito quanto um objeto direto e um PP podem ser clivados, como nos exemplos (33), (34) e (35), abaixo.

(33) E' Maria [- [che ha parlato con Gianni]]
É Maria que falou com Gianni.

(34) E' Gianni [che (Maria) ha incontrato (Maria) -]
É Gianni que Maria encontrou.

(35) E' con Gianni [che Maria ha parlato -]
É com Gianni que Maria falou.

De acordo com Belletti (2008), as clivadas não-sujeito não veiculam foco de informação, não havendo projeção da periferia da cópula. Para as clivadas objeto, a única posição de foco disponível é na periferia esquerda do CP complemento da cópula, que é uma posição típica de foco de contraste/correção. Assim, temos uma assimetria no que diz respeito às clivadas, pois enquanto uma clivada sujeito pode ocorrer em contextos de nova informação, uma clivada não sujeito não poderia ocorrer, de acordo com as línguas estudadas pela autora.

Em relação às clivadas (sujeito e objeto) contrastivas, Belletti (2008) apresenta as seguintes propostas de representação da focalização na periferia esquerda da sentença:

(36) Clivada sujeito de foco contrastivo: È MARIA che ha parlato con Gianni (non Francesca)

E' _{[CP [FocMARIA] ... [che [*pro* ha parlato - con Gianni]]]}

(37) Clivada objeto (direto) com foco contrastivo: È MARIA che Gianni abbracciava (non Francesca)

(38) Clivada objeto (indireto) com foco contrastivo: È CON GIANNI che Maria ha parlato (non con Piero)

Como já falamos anteriormente, para a autora, a focalização do objeto ocorre apenas em contexto de contraste. Desta forma, as clivadas objeto não seriam apropriadas em um contexto de nova informação, como nos mostra a estrutura em (39).

Na derivação acima, devido à posição A (argumental) do traço EPP nas clivadas, o sujeito da sentença seguinte é licenciado a preencher a posição EPP, mas não um DP correspondente a objeto direto ou objeto indireto. Isso ocorre por conta da localidade: o princípio da Minimalidade Relativizada seria violado se um objeto fosse movido para a posição EPP do CP *small*, passando por cima do sujeito. Assim, apenas o sujeito da sentença seria capaz de alcançar a posição EPP por razões de princípios.

A conclusão que a autora chega sobre os dois tipos de clivada é a seguinte: tanto em clivadas sujeito quanto em clivadas objeto a cópula seleciona um CP reduzido/truncado como complemento, que pode ou não conter um traço EPP ativo. Neste caso, o CP é denominado pela autora de CP *small*, e apresenta uma relação de predicação entre o sujeito da *small clause* e o resto do predicado do CP. Em consequência de princípios de localidade, apenas o sujeito do CP pode checar o traço EPP. Com isso, apenas o sujeito é capaz de receber o foco de nova informação da periferia de VP da cópula da sentença matriz. Em contrapartida, se não houver o traço EPP, a focalização da clivada se dá na periferia esquerda no CP reduzido do complemento da cópula, acarretando, assim, em uma focalização contrastiva.

Após apresentarmos Belletti (2008a-b) podemos concluir que clivadas contrastivas/corretivas apresentam uma posição de foco na

periferia esquerda do CP complemento da cópula. Já nas clivadas com foco de nova informação, o foco encontra-se em uma posição baixa na estrutura, mais especificamente, na periferia de vP da cópula. A autora ainda acrescenta que as clivadas corretivas/contrastivas são encontradas com maior frequência nas línguas, seja focalizando sujeito seja focalizando objeto. Já as clivadas de nova informação são mais restritas, elas ocorrem apenas com a focalização do sujeito. A natureza mais restrita das clivadas de nova informação tem relação com a localidade, já que somente sujeitos podem ocupar a posição EPP do CP complemento da cópula.

Belletti (2014) apresenta “o mapa do foco das clivadas”. Para isso, a autora assume algumas ideias já desenvolvidas em trabalhos anteriores, como: a) a presença de duas diferentes posições de foco na estrutura: um VP baixo periférico dedicado a alojar constituintes de nova informação; e uma periferia esquerda alta dedicada a receber foco contrastivo/de correção; b) o papel da cópula de oferecer duas posições diferentes para o foco.

Ainda sobre a análise, a autora assume que a cópula das clivadas seleciona um CP reduzido, como podemos ver no esquema (40), onde falta a camada mais alta da estrutura, ForceP. No esquema, a periferia VP da cópula é reduzida e contém apenas o núcleo Foco.

(40) *be* [~~ForceP~~] [FocP Foc [PredP Pred ... [FinP *che* [TP.....

O que muda na estrutura acima e na estrutura proposta por análises anteriores da autora, inclusive aquelas que apresentamos anteriormente (BELLETTI, 2008a; 2008b) é que, ao invés do traço EPP presente, nesta análise a autora utiliza o traço Pred, que seria responsável pela predicação e é seguido pelo complementizador *che* (que).

Quanto às clivadas e os tipos de foco, a autora assume, assim como em trabalhos anteriores, que as clivadas sujeito são capazes de veicular um foco de nova informação, enquanto as clivadas objeto só teriam condições de expressar um foco contrastivo e exaustivo.

Belletti (2014) acrescenta um dado novo: segundo a autora, em algumas variações de línguas Românicas, como o PB, por exemplo, podemos encontrar as “semi clivadas”, nesse tipo de construção o objeto pode ser focalizado em contextos de nova informação, como retrata o exemplo (41), abaixo:

(41) João comprou *foi* um livro.

Na sentença (41), a cópula *foi* é analisada como um marcador de foco.

A análise assumida para as sentenças clivadas com foco de informação é aquela proposta em Belletti (2008a; 2008b) e a explicação utilizada pela autora para justificar a impossibilidade do objeto clivado alcançar a periferia de VP da sentença matriz, responsável por veicular foco de informação, é que o movimento do objeto de seu local de origem até o especificador de Pred atravessaria o sujeito, violando o princípio da Relatividade Minimalizada (RM), uma vez que as duas posições são do mesmo tipo. Assim, já que o objeto não pode passar pelo especificador do núcleo Pred, ele não consegue alcançar a periferia de VP, responsável por alojar foco de nova informação. A autora também descarta o movimento direto da posição de origem do objeto para a periferia de VP por motivos de localidade.

2.3.2 Guesser e Quarezemin (2013)

Segundo Guesser e Quarezemin (2013), as sentenças clivadas canônicas são capazes de veicular tanto foco contrastivo quanto foco não contrastivo/de informação. Contudo, quando o foco veiculado é de informação, as clivadas canônicas apresentam uma assimetria sujeito-objeto, pois enquanto uma canônica que focaliza o sujeito, como (42a), pode servir de resposta a uma pergunta sobre o sujeito (42b), uma clivada focalizando objeto, como (43a), não é pragmaticamente adequada para uma pergunta sobre o objeto (43b).

- (42) a. Foi a Maria que comeu o doce.
b. Quem comeu o doce?

- (43) a. # Foi o suco que a Maria bebeu.
b. O que a Maria bebeu?

Sobre as clivadas invertidas, exemplificadas em (44a,b), as autoras observam que esse tipo de sentença realiza somente focalização contrastiva, “e não são pragmaticamente adequadas para contextos de pergunta-resposta, nem mesmo quando [XP] focalizado se refere a um

sujeito.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 196), como podemos observar em (45) e (46)¹⁴:

- (44) a. Um rapaz foi que falou (não uma menina).
 b. Um livro foi que a Maria comprou (não uma revista).
- (45) a. Quem comeu o bolo?
 b. # O João é que comeu o bolo.
- (46) a. O que o João comeu?
 b. # O bolo é que o João comeu.

A análise apresentada pelas autoras baseia-se nos trabalhos de Belletti (2008), que trata dos aspectos sintáticos das clivadas, e de Roisenberg e Menuzzi (2008), sobre o possível traço de exaustividade presente nas clivadas. Roisenberg e Menuzzi (2008) questionam a afirmação de Kiss (1998) quanto à obrigação do traço de exaustividade nas clivadas. “Os autores estudam em PB as contrapartes das clivadas-it do inglês e concluem que [...] é possível encontrar manifestações de clivadas sem o traço de exaustividade.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 197).

Para Kiss (1998), as clivadas-*it* do inglês são degradadas quando o foco é um quantificador universal ou existencial, pelo fato de esses quantificadores não exprimirem uma identificação por exclusão. No entanto, Roisenberg e Menuzzi (2008) mostram que esse tipo de clivada ocorre, uma vez que sentenças clivadas do PB correspondentes às clivadas-it do inglês, como (47) e (48), exemplos de Roisenberg e Menuzzi (2008), focalizando um quantificador universal e um quantificador existencial, respectivamente, não se mostram agramaticais.

(47) Ontem foi TODO MUNDO que veio (não só a metade do grupo).

- (48) a: Quem foi que roubou os peixes que estavam aqui?
 b: Eu não fui.
 c: Nem eu,

¹⁴ As sentenças (44-46) correspondem aos exemplos (32-34) de Guessser e Quarezemin (2013, p. 196).

a': Bom, foi alguém (que roubou), porque eles não iam sair andando.

Então, “os autores [ROISENBERG; MENUZZI, 2008] concluem que a exaustividade, ainda que geralmente seja verificada no uso das clivadas, não faz parte do significado convencional dessas estruturas.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p.198)

Quanto ao trabalho de Belletti (2010), as autoras enumeram quatro hipóteses principais nas quais elas se respaldam. São elas:

1. A cópula das clivadas seleciona um FocP, isto é, um CP do tipo focal.

2. “Nos termos da estrutura do sistema complementizador de Rizzi (1997, 2001), o CP selecionado pela cópula tem como projeção mais alta não ForceP, mas sim FocP.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 198) Representado em (49)¹⁵:

(49) T cópula [~~CP-Force~~ FocP [FinP que [TP S ...O/(PP)]]]]

3. “o complementizador *que* se origina em Fin^o e se move para o núcleo mais acima no sistema CP” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 198), como em (50):

(50) a. E'MARIA che il libro l'ha comprato (non Gianni)
b. E' [FocusP MARIA che [TopP il libro [FinP t che [IP...

4. Nas clivadas canônicas focalizando o sujeito, o CP contém um traço EPP¹⁶ que exprime uma relação de predicação entre o próprio sujeito e a sentença que segue o CP.

Fundamentadas nas hipóteses elencadas acima, Guesser e Quarezemin (2013) apresentam a representação de uma sentença clivada em contexto de nova informação, reproduzida em (51b):

¹⁵ Para Belletti, nas clivadas o CP é reduzido, contendo na periferia VP da cópula apenas o núcleo Foco.

¹⁶ *Extendend Projection Principle* (Princípio de Projeção Estendida): postula que todas as sentenças das línguas naturais possuem sujeito.

(51) a. Foi um rapaz que comeu a torta.

b. $pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j \dots [FocP \text{ um rapaz}_i [VP \text{ tj } [CP \text{ Foc} \dots [EPP \text{ t}_i \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ comeu}_{ti} \text{ a torta}]]]]]]]$

Guesser e Quarezemin (2013, p. 199), em relação à estrutura (51b), explicam que

o sujeito se move da sua posição de *merge* externo dentro do IP encaixado, passa pela posição EPP complemento da cópula e, sucessivamente, se move para o Spec de FocP da periferia de VP disponibilizada pela cópula. A cópula se move para o núcleo flexional que a hospeda, e um *pro* expletivo ocupa a posição Sujeito da frase matriz.

Sobre sentenças clivadas sujeito com foco contrastivo, as autoras utilizam a seguinte representação:

(52) $pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j [VP \dots \text{ tj } [FocP \text{ um rapaz}_i \text{ Foc} [EPP \text{ t}_i \dots \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ comeu}_{ti} \text{ a torta}]]]]]$

O que diferencia a representação (51) da representação (52) é que nesta última a periferia esquerda da sentença subordinada é ativada, e não a periferia da cópula.

Com base nos trabalhos de Menuzzi (2000), Rizzi (2006) e Rizzi e Shlonsky (2007), as autoras assumem que “a extração do sujeito para a focalização se dá a partir de uma posição mais baixa do que SubjP. Um *pro* expletivo ocupa a posição Sujeito da frase subordinada, satisfazendo assim o *Subject Criterion*.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 199)

No que diz respeito às clivadas objeto com foco contrastivo, como “Foi uma torta que o Pedro trouxe”, as autoras sugerem a estrutura representada em (53), abaixo, na qual as clivadas focalizando objeto se diferenciam das clivadas sujeito em contexto de contraste pela ausência da posição EPP (referente ao sujeito), que está presente apenas nessas últimas.

(53) $pro_{expl} [TP \dots \text{ foi}_j [VP \text{ tj } [FocP \text{ uma torta}_i \text{ Foc} \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ O Pedro trouxe}_{ti}]]]]]]$

Segundo Belletti (2010), as autoras assumem que a representação de uma clivada canônica focalizando objeto em contexto de nova informação na periferia da cópula não é possível, como mostra (54).

*

(54)[TP.....[FocP[VP_{be}[CPForce...[FocP...[FinPche[TP S...O]]]..

Na estrutura representada acima, o CP é reduzido no nível de FocP. Consequentemente, não há uma posição intermediária entre a posição de origem – IP encaixado – e a posição final – Spec de FocP da periferia de VP – do objeto. “Não podendo alcançar a projeção de FocP da periferia de VP, o objeto não é capaz de receber a interpretação de nova informação”. (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 199)

Segundo as autoras, em contextos específicos, clivadas canônicas focalizando sujeito ou objeto veiculando foco de nova informação/não contrastivo compartilham a propriedade na qual o foco tem sempre uma interpretação marcada por um traço de tópico. Assim, ao mesmo tempo em que o elemento focalizado é uma informação nova, é também um elemento presente no contexto discursivo, como nos mostra (55):

- (55) a. Qual desses caras a Maria beijou na festa de ontem?
b. Foi aquele cara que a Maria beijou.

Sendo assim, as autoras assumem que quando o foco se faz presente no contexto discursivo, como em (55), as clivadas envolvem uma posição de foco em que é atribuído tanto de um traço [+foco] quanto de um traço [+tópico], e localiza-se na periferia esquerda da sentença subordinada.

Desse modo, as autoras sugerem a estrutura representada em (56).

(56) *pro*_{expl} [TP ... foi [_{FocP}[+ foco; +tópico] aquele livro_i Foc°...
[_{FinP} que [_{TP} eu li t_i]]]]

Como podemos ver na representação acima, o objeto “se move da sua posição temática dentro do IP encaixado para o Spec de Foc [+foco; +tópico] do CP subordinado, e a cópula *ser* se move para um núcleo funcional mais alto que a projeção verbal.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 202)

2.3.4 Alves et al (2015)

A fim de enriquecer a discussão, mostraremos, a seguir, um experimento psicolinguístico sobre o processamento de clivadas sujeito e objeto no PB realizado por Alves *et al* (2015).

As autoras realizaram um experimento psicolinguístico de monitoramento ocular com voluntários falantes do PB a fim de verificar o processamento do foco em sentenças clivadas sujeito e objeto. Por meio do monitoramento ocular é possível identificar em que partes do estímulo o participante teve mais ou menos dificuldade.

O objetivo principal do experimento, por meio da interface sintaxe-semântica, era investigar o processamento do foco em clivadas sujeito e objeto em sentenças denotando hiponímia e contraste. Hiponímia, de acordo com Alves *et al* (2015, p. 285), é “a relação de subordinação de um termo a outro. Por exemplo, ‘gato’ subordina-se a ‘felino’, logo ‘gato’ é o hipônimo de ‘felino’.” Contraste, como já vimos anteriormente, corrige ou contrasta uma informação dada no contexto. As autoras procuraram responder que tipo de clivada - sujeito ou objeto – seria mais custosa, isto é, que desencadearia um processamento mais lento.

O teste consistiu na apresentação de contextos, seguidos de perguntas nas quais os participantes deveriam escolher uma resposta apropriada. As respostas eram compostas de sentenças neutras, isto é, de ordem SVO (sujeito – verbo – objeto) e de clivadas focalizando sujeito e objeto. Vejamos dois exemplos abaixo:

(57) Frase denotando hiponímia:

Contexto: Jeferson ajuda a família na lanchonete. Ele frita salgado na cozinha nos finais de semana.

- a. É JEFERSON que frita coxinha aos domingos. (clivada sujeito)
- b. É COXINHA que Jeferson frita aos domingos. (clivada objeto)
- c. Jeferson sempre frita coxinha aos domingos. (neutra)

(58) Frase denotando contraste:

Contexto: Fabrícia e Marcela frequentam a feira semanalmente. Elas levam legume e verdura frescos.

- a. É MARCELA que leva verdura para casa. (clivada sujeito)

- b. É VERDURA que Marcela leva para casa. (clivada objeto)
- c. Marcela leva verdura de lá para casa. (neutra)

A hipótese das autoras é de que as clivadas sujeito seriam menos custosas que as clivadas objeto, e a relação de hiponímia, por ser mais custosa, seria facilitada por uma clivada sujeito, já que esta tem menos custo do que uma focalizando objeto. Já no que diz respeito ao contraste, a hipótese era a de que as clivadas objeto seriam menos custosa nesses contextos, pois de acordo com estudos (cf. BELLETTI, 2008; MIOTO, 2003) esse tipo de clivada se limita a veicular foco contrastivo/exaustivo.

Apresentaremos, resumidamente, os resultados obtidos pelas autoras apenas no que se referem ao nosso objeto de estudo, isto é, as diferenças entre o processamento de clivadas sujeito e clivadas objeto.

Sobre a diferença entre o sujeito e o objeto clivados, os resultados mostraram que os sujeitos clivados, no geral, são menos custosos do que os objetos clivados. Uma possível explicação para esse resultado é que, como uma clivada sujeito pode ser utilizada em mais contextos (de informação e de contraste/identificação), ela seria menos custosa do que uma clivada objeto que, por sua vez, apresenta restrições em relação ao foco de informação.

No que diz respeito à relação entre os contextos semânticos e os tipos de clivadas, os resultados apontaram que as clivadas sujeito foram mais utilizadas em contexto de hiponímia; e em contexto de contraste a clivada objeto foi a preferida. Esse resultado mostra que os informantes consideram contraste como um contexto típico de uma clivada objeto, já que esse tipo de clivada foi menos custosa nesse contexto.

Os resultados encontrados por Alves *et al* (2015) nos mostram que o processamento de uma clivada objeto parece ser mais custoso do que o processamento de uma clivada sujeito.

2.3.5 Clivadas focalizando objeto não são capazes de veicular foco de informação?

De acordo com os trabalhos apresentados neste capítulo, vimos que há uma assimetria entre clivadas sujeito e objeto com foco de informação. De acordo com os autores, somente as sentenças clivadas focalizando sujeito podem veicular foco de informação.

No entanto, como já comentamos anteriormente, Lunguinho (2015) observa que sentenças clivadas com verbos triargumentais

focalizando objeto indireto são capazes de veicular foco de informação, como nos mostra (59)

- (59) a. Pra quem o João deu o livro?
b. Foi [_F pra Maria] que o João deu o livro.

Portanto, nosso objetivo é verificar de que forma esse tipo de estrutura está presente no PB através de dados coletados de redes sociais. Apresentaremos e discutiremos esses dados no próximo capítulo.

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo desenvolvemos a fundamentação teórica do trabalho, apresentando os textos que servem de base para a pesquisa.

Iniciamos o capítulo com a resenha de textos sobre a cartografia, área na qual a pesquisa está fundamentada. Mostramos o trabalho de Rizzi (1997) sobre o sistema de critérios do CP, bem como o texto de Miotto (2001) que projeta o sistema de Rizzi para o PB e o trabalho de Belletti (2004) sobre o sistema VP.

Passamos então para as sentenças clivadas, apresentando três trabalhos sobre o tema: Modesto (2001), que utiliza a análise unificada para as clivadas e as pseudoclivadas; Miotto (2003) e Miotto e Negrão (2007) que não assumem a análise unificada. No fim da seção mostramos as diferenças entre as análises propostas e nos posicionamos quanto o que consideramos sentenças clivadas. Reforçando nosso posicionamento: seguiremos Miotto (2003) e Miotto e Negrão (2007) em relação à estrutura das sentenças clivadas. Deste modo, estudaremos apenas as clivadas canônicas, as pseudoclivadas estão fora do escopo da pesquisa.

Por fim, apresentamos textos referentes às clivadas e a relação dessas sentenças com os diferentes tipos de foco. Começamos com os trabalhos de Belletti (2008a; 2008b; 2014), com dados do italiano, inglês e francês; passamos por Guesser e Quarezemin (2013) que, seguindo a análise de Belletti (2008), apresentaram dados referentes à assimetria no PB em contexto de nova informação; e, a fim de complementar a discussão sobre a assimetria nas clivadas sujeito e objeto em contexto de nova informação, apresentamos o experimento psicolinguístico realizado por Alves *et al* (2015). Os resultados apontaram que o processamento das clivadas objeto é mais custoso do que o processamento das clivadas sujeito. Os resultados também mostraram

que clivadas objeto são mais utilizadas em contexto de contraste do que clivadas sujeito.

Esses estudos sobre a assimetria concluíram que constituintes de nova informação ocupam uma posição de foco baixo nas línguas em que o núcleo do foco de nova informação está localizado exclusivamente periferia de VP da sentença. Clivadas sujeito podem ativar essa posição no PB e no francês. Já a focalização do objeto só ocorreria em contextos de contraste, com o foco localizando-se na periferia esquerda da sentença.

Fechamos a seção sobre a assimetria apresentando a observação de Lunguinho (2015) sobre a possibilidade de clivadas objeto veicularem foco de informação em um contexto específico no PB.

Dedicaremos o próximo capítulo aos dados sobre as clivadas sujeito e objeto. Apresentaremos a metodologia de coleta de dados, os dados obtidos, e a análise destes com base nos textos apresentados no presente capítulo.

3 CLIVADAS SUJEITO E CLIVADAS OBJETO NO PB

Vimos, nos capítulos precedentes que, segundo Belletti (2008), uma clivada sujeito pode estar associada aos três tipos de foco – de informação (1a-b), contrastivo (1c) e exaustivo/de identificação (1d) – como nos mostram os exemplos (1).

- (1) a. Quem comeu o chocolate?
- b. Foi [_F a Maria] que comeu o chocolate.
- c. A: Foi a Maria que comeu o chocolate (não a Sabrina).
- d. Foi O JOÃO que comprou um carro (e ninguém mais).

Uma clivada objeto, por sua vez, está associada apenas aos traços contrastivo e exaustivo, como podemos ver em (2), respectivamente.

- (2) a. Foi uma Rosa que o João comprou (não uma orquídea).
- b. Foi UMA PIZZA que a Maria comeu (e nada mais).

Neste capítulo mostraremos dados de clivadas focalizando sujeito e objeto no PB. Inicialmente, apresentaremos a metodologia empregada. Na segunda parte, mostraremos os dados encontrados, bem como os seus respectivos contextos. Por fim, discutiremos os dados a partir dos textos apresentados no capítulo anterior.

3.1 METODOLOGIA

A proposta inicial desta pesquisa era coletar dados de sentenças clivadas apenas em redes sociais¹⁷, já que elas são de fácil acesso e a linguagem normalmente utilizada nesse meio é muito próxima da fala coloquial.

No entanto, no decorrer da pesquisa tivemos muitas dificuldades em encontrar dados de clivadas nesse meio. Desta forma, optamos por procurar esse tipo de estrutura no banco de dados online do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/RJ). Utilizamos um banco de dados denominado ‘Amostra 80’, que contém entrevistas do Censo de 1980. Das entrevistas pesquisadas, encontramos apenas um dado, que será apresentado na próxima seção.

A pesquisa nas redes sociais foi feita da seguinte maneira: primeiramente selecionamos três redes sociais para realizar a pesquisa: Reddit, Facebook e Twitter. Das três, a rede social Reddit foi a que se mostrou menos produtiva, pois praticamente não encontramos dados de clivadas, já a rede social Twitter foi a mais produtiva.

Para realizar a busca das sentenças, utilizamos o mecanismo de ‘busca’ das próprias redes sociais. Dessa forma, procuramos por palavras-chave relacionadas à sequência da estrutura das clivadas, como “foi que” e “é que” e encontramos resultados muito genéricos e, após filtrarmos os dados, não conseguimos avançar na pesquisa, já que não foram encontradas sentenças com estrutura de clivadas. Também pesquisamos por palavras relacionadas à estrutura das clivadas objeto (indireto), ou seja, a cópula, o complementizador e preposição, como “foi pra que”, mas também não obtivemos muito sucesso.

¹⁷ A proposta de coletar dados em redes sociais se deu a partir do Trabalho de Conclusão de Curso da autora desta dissertação, apresentado em 2014. Em Vicente (2014), buscamos dados de clivadas em contexto pergunta-resposta no Banco de dados do NURC/RJ e não encontramos. Desse modo, resolvemos fazer a coleta em redes sociais por acreditarmos que, nesses meios, encontraríamos dados no contexto referido.

Decidimos, então, refinar melhor as buscas e, a fim de verificar como se comportam as clivadas com verbos triargumentais, selecionamos os seguintes verbos: *devolver*, *dar*, *emprestar*, *doar*, *alugar*, *mostrar* e *entregar*. Então, para cada verbo elencado nós realizamos uma busca bem específica, por exemplo: com o verbo ‘vender’ pesquisamos as seguintes sequências, entre aspas: “foi pra * que vendi”, “foi pra * que * vendeu”, “foi * que vendeu”. Na busca da rede social Twitter, o asterisco (*) é utilizado para palavras não especificadas, assim, as duas primeiras sequências de palavras pesquisadas remetiam à sequência de uma clivada objeto (indireto) e a última sequência tinha como objetivo buscar clivadas sujeito. Fazendo as buscas dessa maneira, conseguimos encontrar alguns dados de sentenças contendo a sequência de uma clivada.

Infelizmente, não encontramos nenhuma sentença com estrutura de uma clivada em contexto típico de nova informação, ou seja, num contexto de pergunta-resposta em que a clivada estivesse respondendo uma pergunta sobre o sujeito ou sobre o objeto. No entanto, analisaremos os dados mais detalhadamente, relacionando-os com a fundamentação teórica apresentada no capítulo anterior.

3.2 DADOS

Nesta seção mostraremos todos os dados de sentenças clivadas encontrados nas redes sociais e no banco de dados analisado. Separamos os dados entre o tipo de focalização (sujeito e objeto).

No total, foram encontradas 34 sentenças. Dessas, 23 sentenças focalizando o sujeito e apenas 11 focalizando o objeto.

3.2.1 Sentenças clivadas focalizando sujeito

No banco de dados analisado (PEUL/RJ), encontramos apenas uma sentença com estrutura de clivada sujeito, representada abaixo. A sentença representada em (1) é composta pelo verbo ‘fazer’, que possui dois argumentos: um externo (eu) e um interno (o resto do serviço todo).

(1) E- Você tem empregada?

F- Não. Só tem uma faxineira. (est)/

E- Então [o serviço-]

F- [O resto do] serviço todo, sou [eu] que faço. Faxineira - só a faxineira e passar roupa, não é? (est) (C11 – Amostra 80 – PEUL/RJ)

Dentre as três redes sociais analisadas – ‘Twitter’, ‘Facebook’ e ‘Reddit’ -, a rede social ‘Twitter’ foi a que se mostrou mais produtiva, isto é, foi a que apresentou maior número de clivadas em relação às outras duas.

Vejam alguns dados de sentenças com estruturas de clivadas sujeito encontradas nas redes sociais:

(2) e (3). “A carne foi meu pai que assou, mais a churrasqueira foi eu que fiz e dei de presente pra ele!” (Facebook, jan./2016)

(4) “pra mim sexo e uma coisa muito sagrada e unica/ ate pq foi Deus que criou e deu de presente pra nos usarmos da maneira certa dentro do casamento” (Twitter, dez./2015)

(5) “Gostaram? foi eu que fiz” [imagem] (Twitter, abr./2016)

(6) “Foi deus que fez” [Legenda de uma foto] (Twitter, abr./2016)

As sentenças em (2), (3), (4), (5) e (6), assim como a sentença (1), apresentam verbos de dois argumentos, são eles: ‘assar’, ‘fazer’ ‘criar’, ‘fazer’ e ‘fazer’. Tratando-se de clivadas sujeito, os elementos focalizados são, respectivamente: ‘meu pai’, ‘eu’, ‘Deus’ e ‘eu’ e ‘Deus’.

Vejam agora sentenças com verbos triargumentais:

(7) “a: Kkkkkkk olha o Tamanho do peito dessa mulher Mila”
b: “e meu sabia foi eu que emprestei pra ela ” (Facebook, jan./2016)¹⁸

(8) A: O estilinho do menino Neymar”

B: “igual a gente indo pra noitada”

A: “aquele chapéu ali foi eu que emprestei inclusive”

B: “ia te perguntando isso agora” (Twitter, nov./2015)

¹⁸ Todos os dados retirados de banco de dados e de redes sociais apresentados nesta dissertação estão escritos de acordo com a sua forma original, sinalizados por aspas (“”). Deste modo, as sentenças podem apresentar desvios gramaticais, falta de pontuação e abreviaturas, por exemplo.

(9) "e foi a PF que emprestou a tomada pra ligar o ventilador... Incrível né?" (2 de set de 2015)

(10) "A: "Ameei a saia".

B: Idem. Foi a maninha, A. P. que me emprestou." (Twitter, jan./2016)

(11) "Esse celular que eu tô usando foi teu ex que me emprestou." (Twitter, jan./2016)

As clivadas de (7) a (11) são compostas pelo verbo ‘emprestar’, que possui três argumentos: um externo e dois internos. Os sujeitos dessas sentenças são: ‘eu’, ‘eu’, ‘a PF’, ‘a maninha, A. P.’ e ‘teu ex’, respectivamente.

Vejam os abaixo outros dados de sentenças com verbos triargumentais:

(12) "A qualidade da foto não é boa, mas é um dos únicos registros que eu tenho do Jimmy Bain em BH em 2001 com Dio. Eu vi esse show da grade e a faixa na bateria foi eu que dei pro Dio!" (Facebook, jan./2016)

(13) "Agora eu tenho vc comigo foi deus que deu vc pra min (Facebook, 11 jan./2016)"

(14) "Que no caso o perfume do yago foi eu q dei pra ele" - (Twitter, mar./16)

(15) "Amigos, há muito tempo emprestei o livro ‘A Beca Surrada’ pra alguém. Foi meu avô que me deu. Será que a pessoa se lembra e me devolve? Não lembro quem foi e queria guardar essa lembrança dele". (Facebook, mar./2016)

(16) "Foi uma fã que deu esse vestido de presente pra Clarinha" (Twitter, jan./2016)

(17) "A: fiquei tão triste quando soube que ele foi atropelado e morreu, tadinha da Demi também.

B: "gente ele era tão nhoim, tava vendo umas fotos aqui, a Demi gostava muito dele né? :(“

A: "foi o Wilmer que deu de presente pra ela, acho que não fazia 1 ano :(“ (Twitter, jul./2015)

(18) A: “e esse boné meu parssa”

B: "foi um cara ai que me deu de presente, vou usar ele pra dar sorte" (Twitter - 19/04/15)

(19) "Sem querer politizar, mas já politizando... Lembro a todos que foi Dona W. que deu de "presente" o Presídio Federal pra Mossoró." (Twitter, jun./2016)

(20) "Gente!! Olhem aonde foi parar a chupeta da minha neta!!!! Foi o avô que deu de presente pra ela!!" (Twitter, jun./2015)

As sentenças de (12) a (20) são compostas pelo verbo ‘dar’, um verbo triargumental. Os sujeitos dessas nove sentenças são, respectivamente: ‘eu’, ‘Deus’, ‘eu’, ‘meu avô’, ‘uma fã’, ‘o Wilmer’, ‘um cara aí’, ‘Dona W.’ e ‘o avô’.

Agrupamos os dados apresentados anteriormente de acordo com os verbos: primeiramente mostramos as sentenças com verbos biargumentais e então as sentenças com os verbos triargumentais ‘emprestar’ e ‘dar’, já que esses foram os verbos que mais apareceram com sentenças focalizando o sujeito.

Apresentaremos, a seguir, as sentenças com os seguintes verbos triargumentais: ‘ensinar’, ‘mandar’ e ‘alugar’, encontramos apenas uma sentença com cada verbo.

(21) "Ela é a pura expressão do amor. Mulher de coração bom, mulher virtuosa, guerreira, bispa, amiga mãe, referencial para os de perto e para o de longe. Sempre tem um sorriso no rosto que mesmo em meio as dificuldades sempre tem uma palavra de benção para derramar na vida dos amados. É impossível olhar pra você e não sorrir, impossível ouvir você pregar e não sentir a presença de Deus. Foi você que nos ensinou a como viver De Bem Com a Vida, com louvores, ministrações, bíblia, livros, ufa!" (Facebook, jan./2016)

(22) "Foi Deus que te mandou pra mim e me fazer feliz, por toda a vida!" (Facebook, jan./2016)

(23) "Foi o O. que alugou o Twitter pra galera" (Twitter, jan./2016)

Na sentença (21), o o sujeito ‘você’, na sentença (22) o sujeito é ‘Deus’ e na sentença (23) o sujeito focalizado é ‘o O.’.

Como podemos observar, a maioria dos dados focalizando sujeito são com verbos triargumentais. Isso ocorreu devido ao nosso método de busca, já que procuramos, principalmente, por estruturas de clivadas com três argumentos. No entanto, os dados (1), do PEUL/RJ; e (2), (3),(4), (5) e (6), das redes sociais; apresentaram verbos biargumentais. Veremos na próxima seção se as sentenças focalizando objeto também apresentaram verbos biargumentais.

As sentenças apresentadas nesta seção possuem a estrutura de uma sentença clivada. No entanto, como vimos na definição de Miotto (2003) e Miotto e Negrão (2007), para uma sentença ser considerada clivada ela deve apresentar o foco, ou seja, a informação nova, entre a cópula e o complementizador, que deve ser seguido pela pressuposição. Devido à falta de contexto dos dados encontrados no banco de dados e nas redes sociais, não temos condições de afirmar se o elemento ensanduichado entre a cópula e o complementizador é o foco (informação nova) da sentença, nem se o trecho que segue o complementizador é a pressuposição (informação compartilhada) da sentença. As sentenças apresentadas podem ter apenas estrutura idêntica a de uma clivada.

Além disso, nenhuma das sentenças estava respondendo uma pergunta sobre o sujeito ou o objeto, que caracteriza um contexto típico de foco de informação. Dessa forma, a partir dos dados apresentados acima não é possível analisarmos a assimetria sujeito-objeto nas clivadas com foco de informação. Na próxima seção verificaremos os dados com focalização do objeto.

3.2.2 Sentenças clivadas focalizando objeto

No que diz respeito às sentenças focalizando objeto, não encontramos nenhuma ocorrência desse tipo de estrutura no banco de dados analisado, apenas nas redes sociais. Outra informação importante é que encontramos dados de sentenças com estruturas de clivadas focalizando apenas o objeto indireto de verbos triargumentais. Vejamos com mais detalhes esses dados:

(1) "Não gosto disto. maas estou me sentindo enrolada emprestei um vestido pra uma amiga que pra facilitar entregou pra essa pessoa da foto abaixo é ocorre que desde outubro do ano passado

estou tentando sem sucesso pegar meu vestido de volta ta difícil paguei 200 reais nele e só usei uma vez toda vez a bendita inventa uma desculpa to ficando de saco cheio dessa palhaçada quero meu vestido ou meu dinheiro simples assim espero que agora vc me devolva Flavia Regina da um jeito aí Zila campos pois foi pra vc que emprestei. Há não vou mais me deslocar até sao Mateus manda via sedex ou venha até santo André me trazer chega vc já me fez muito de boba. " (Facebook, mar./2016)

(2) A: “descobre quem que pego meu livro emprestado e pede pra me devolver? Huheahuheahauhau”

B: “ Foi pra Laura que ce emprestou kkkkkk (Twitter, out./2012)

As sentenças (1) e (2) focalizam o objeto preposicionado do verbo ‘emprestar’, são eles: ‘pra você’ e ‘pra Laura’, respectivamente. Vejamos, a seguir, mais exemplos de sentenças com verbos triargumentais.

(3) “Sim, ela é minha, pára de ouvir pois tenho muito ciúmes! Foi pra Nívea que mostrei kk” (Twitter, mar./2014)

(4) “Oi! Já me intrometendo na conversa, foi pra mim que ela mostrou o curta, e eu adorei.” (Twitter, mar./2011)

(5) “foi pra mim que você mostrou a calcinha kkkkkkkk” (Twitter, jul./2011)

Como podemos observar nas sentenças (3), (4) e (5), acima, todas focalizam o objeto preposicionado do verbo ‘mostrar’, são eles: ‘pra Nívea’, ‘pra mim’ e ‘pra mim’, respectivamente.

(6) A: “Eu não sei, vc tava como ? kkkkkk

B: “blusa branca, blusa xadrez na cintura, eu n te dei um caderno p colocar o seu nome?”

A: Ninguém me entregou caderno nenhum não rs' Acho que foi pra vc que entreguei a doação, depois da perguntas.” (Twitter, ago./2012)

(7) “Lauren a bruna disse que foi pra livia que entregou a flor ela comento no insta ... — nos ja sabiamos ne masssss <3” (Twitter, mar./2014)

As sentenças (6) e (7) focalizam o objeto indireto do verbo ‘entregar’. Os objetos focalizados são: ‘pra você’ e ‘pra Livia’.

Encontramos duas clivadas focalizando o objeto indireto do verbo ‘vender’. Em (8) o elemento clivado é ‘pra eles’ e em (9) é ‘pra ele’.

(8) “A: “ontem fumamos com uns caras brutais na rdp”

B: “foi pra eles que eu vendi o 20 na frente da escadaria do mueller” (Twitter, set./2012)

(9) “do meu primo, o tal do RONALDÃO. foi pra ele que eu vendi os jogos...” (Twitter, dez./2011)

Por fim, encontramos outros dois verbos triargumentais - ‘devolver’ e ‘dar’ – com apenas uma sentença de cada, vejamos abaixo com mais detalhes.

(10) “Caramba, foi pra vc que eu devolvi a caneta lá na fila do crew! rrsr” (Twitter, out./2012)

(11) “Mas trstinho parar e pensar: ah, então foi pra ele que eu dei meu coração e tanto sofri? Amor é falta de QI, tenho cada vez mais certeza.” (Facebook, set./2011)

Nas sentença (10) o elemento focalizado é o objeto preposicionado ‘pra você’ do verbo ‘devolver’ e na sentença (11) temos como foco o objeto preposicionado ‘pra ele’ do verbo ‘dar’.

Diferentemente das sentenças focalizando o sujeito, verificamos que todas as sentenças apresentam verbos triargumentais e que o elemento que ocupa o lugar do foco é um objeto indireto em todas as onze sentenças, o que vai ao encontro da observação de Lunguinho (2015).

Como podemos observar nos dados apresentados acima, as sentenças foram encontradas na sua maioria soltas e descontextualizadas. Assim como as sentenças da seção anterior, não é possível analisarmos se se tratam de clivadas ou apenas de sentença com uma estrutura idêntica a de uma clivada. Também não é possível verificar o tipo de foco que essas sentenças veiculam.

Com os dados da forma como são apresentados, sem estar num contexto típico de foco de informação, não é possível analisarmos o fenômeno da assimetria sujeito-objeto em clivadas com foco de

informação. Dessa forma, concluímos que a melhor forma de investigar a assimetria sujeito-objeto nas clivadas com foco de informação não é buscar dados em bancos de dados e em redes sociais, já que não foi possível encontrar clivadas no contexto em que pretendíamos analisar.

Na próxima seção faremos uma discussão e analisaremos os dados com base nos textos apresentados no segundo capítulo.

3.3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nas seções precedentes, mostramos os dados encontrados de sentenças que possuíam a estrutura de clivadas sujeito e objeto. No entanto, descontextualizadas elas não nos davam evidências suficientes de que se tratava de clivadas e não foi possível analisar como se comporta a assimetria das clivadas no PB, nosso principal objetivo neste trabalho. Observando as sentenças coletadas, percebemos não encontramos dados em contexto de pergunta-resposta, contexto típico de um foco de informação, não sendo possível, dessa forma, discutir o fenômeno da assimetria. Sendo assim, considerando que as sentenças apresentadas são sentenças clivadas focalizando sujeito e objeto, elaboramos perguntas do tipo *wh* para testarmos se as sentenças apresentadas nas seções anteriores seriam adequadas para responder perguntas sobre o sujeito e o objeto.¹⁹ Vejamos se as sentenças apresentadas são adequadas em um contexto de pergunta-resposta.

- (1) a. Quem faz o resto do serviço?
b. “[O resto do] serviço todo, sou **eu** que faço.” (C11 – Amostra 80 – PEUL/RJ)
- (2) a. Quem assou a carne?
b. “A carne foi **meu pai** que assou” (Facebook, jan./2016)
- (3) a. Quem fez a churrasqueira?
b. “a churrasqueira foi **eu** que fiz”. (Facebook, jan./2016)
- (4) a. Quem criou o sexo?
b. “foi **Deus** que criou” (Twitter, dez./2015)

¹⁹ Neste “teste” foi considerada a intuição da autora desta dissertação. Será utilizado o símbolo sustentado (#) para indicar que a sentença não é adequada no contexto apresentado.

- (5) a. Quem fez?
b. “foi **eu** que fiz” (Twitter, abr./2016)
- (6) a. Quem fez?
b. “Foi **deus** que fez” (Twitter, abr./2016)
- (7) a. Quem emprestou o peito para essa mulher?
b. “foi **eu** que emprestei pra ela ” (Facebook, jan./2016)
- (8) a. Quem emprestou o chapéu para ele?
b. “aquele chapéu ali foi **eu** que emprestei” (Twitter, nov./2015)
- (9) a. Quem emprestou a tomada pra ligar o ventilador?
b. “foi **a PF** que emprestou a tomada pra ligar o ventilador... Incrível né?” (2 de set de 2015)
- (10) a. Quem te emprestou a saia?
b. “Foi **a maninha, A. P.** que me emprestou.” (Twitter, jan./2016)
- (11) a. Quem te emprestou esse celular?
b. "Esse celular que eu tô usando foi **teu ex** que me emprestou." (Twitter, jan./2016)
- (12) a. Quem deu a faixa da bateria pro Dio?
b. “a faixa na bateria foi **eu** que dei pro Dio!” (Facebook, jan./2016)
- (13) a. Quem deu para você?
b. “foi **deus** que deu vc pra min” (Facebook, 11 jan./2016)
- (14) a. Quem deu o perfume para o Yago?
b. “foi **eu** q dei pra ele” - (Twitter, mar./16)
- (15) a. Quem deu o livro ‘a Beca Surrada’ para você?
b. “Foi **meu avô** que me deu.” (Facebook, mar./2016)
- (16) a. Quem deu esse vestido de presente pra Clarinha?
b. "Foi **uma fã** que deu esse vestido de presente pra Clarinha" (Twitter, jan./2016)

- (17) a. Quem deu de presente pra ela?
b. “foi **o W.** que deu de presente pra ela” (Twitter, jul./2015)
- (18) a. Quem te deu esse boné de presente?
b. “foi **um cara ai** que me deu de presente” (Twitter - 19/04/15)
- (19) a. Quem deu de presente o Presídio Federal pra Mossoró?
b. “foi **Dona W.** que deu de ‘presente’ o Presídio Federal pra Mossoró.” (Twitter, jun./2016)
- (20) a. Quem deu de presente a chupeta pra sua neta?
b. “Foi **o avô** que deu de presente pra ela!!” (Twitter, jun./2015)
- (21) a. Quem ensinou vocês a como viver de bem com a vida?
b. “Foi **you** que nos ensinou a como viver De Bem Com a Vida” (Facebook, jan./2016)
- (22) a. Quem me mandou para você?
b. “Foi **Deus** que te mandou pra mim”. (Facebook, jan./2016)
- (23) a. Quem alugou o Twitter pra galera?
b. “Foi **o O.** que alugou o Twitter pra galera” (Twitter, jan./2016)

Todas as perguntas criadas são sobre o sujeito, com o objetivo de testar se a resposta (neste caso, uma clivada) seria adequada. De acordo com o julgamento da autora deste trabalho, todas as vinte e três sentenças são adequadas para responder uma pergunta sobre o sujeito sem que isso implique que outros traços estão envolvidos, como contraste e/ou exaustividade. Como podemos observar nos dados acima, como em (23), por exemplo, há uma pergunta wh sobre o sujeito (quem alugou o Twitter pra galera?) e a resposta, uma clivada, onde o elemento focalizado (o O.) substitui a expressão Wh.

Esse resultado vai ao encontro do que defendem Guessier (2007), Belletti (2008), Quarezemin (2009) e Guessier e Quarezemin (2013). Para as autoras, clivadas sujeito podem responder uma pergunta sobre o

sujeito sem que isso indique contraste, como nos mostram os dados acima.

Assumimos, neste trabalho, a análise de Belletti (2008) para uma clivada sujeito com foco de informação. Desse modo, a representação de uma clivada sujeito como (4b) quando responde uma pergunta sobre o sujeito (4a), pode ser representada da seguinte maneira:

(24) “Foi **Deus** que criou.” (Facebook, mar./2016)

Pro_{expl} ... [TP foi_j ... [FocP Deus_i [VP t_j [~~CP Foree~~ ... [EPP t_i ... [FinP que [TP criou t_i]]]]]]

Na representação acima, o foco está na periferia da cópula, entre IP (TP) e o VP da cópula. O foco ocupa o Spec FocP da periferia da cópula, uma posição baixa de foco, local reservado para foco de nova informação.

Como vimos no segundo capítulo, as clivadas sujeito servem de resposta a uma pergunta do tipo wh, e também podem estar relacionadas a contextos de exaustividade e contrastividade. Nestes dois últimos casos, o foco localiza-se na periferia esquerda da sentença, e não na periferia da cópula, como nas clivadas com foco de nova informação. Resumindo, as clivadas sujeito não apresentam restrição em relação ao tipo de foco que veiculam nem ao tipo de verbo, já que vimos dados de clivadas com verbos biargumentais e triargumentais.

Vejam agora os dados de clivadas objeto coletadas nas redes sociais. Assim como fizemos com as sentenças relacionadas ao sujeito, inserimos as sentenças com objeto em contexto típico de foco de informação, ou seja, em um contexto contendo uma pergunta sobre o objeto e a resposta, neste caso, seria uma clivada focalizando objeto para testarmos se esse tipo de sentença é capaz de veicular um foco de informação.

(25) a. Pra quem você emprestou o vestido?

b. “foi **pra vc** que emprestei.” (Facebook, mar./2016)

(26) a. Pra quem eu emprestei o meu livro?

b. “Foi **pra Laura** que ce emprestou”. (Twitter, out./2012)

(27) a. Pra quem você mostrou essa música?

b. “Foi **pra Nívea** que mostrei” (Twitter, mar./2014)

(28) a. Pra quem ela mostrou o curta?

b. “foi **pra mim** que ela mostrou o curta”. (Twitter, mar./2011)

(29) a. Pra quem eu mostrei a calcinha?

b. “foi **pra mim** que você mostrou a calcinha” (Twitter, jul./2011)”

(30) a. Pra quem você entregou a doação?

b. “Acho que foi **pra vc** que entreguei a doação”. (Twitter, ago./2012)

(31) a. Pra quem a Bruna entregou a flor?

b. “foi **pra livia** que [ela] entregou a flor”. (Twitter, mar./2014)

(32) a. Pra quem você vendeu o 20?

b. “foi **pra eles** que eu vendi o 20” (Twitter, set./2012)

(33) a. Pra quem você vendeu os jogos?

b. “foi **pra ele** que eu vendi os jogos...” (Twitter, dez./2011)

(34) a. Pra quem você devolveu a caneta?

b. “foi **pra vc** que eu devolvi a caneta lá na fila do crew!” (Twitter, out./2012)

(35) a. Pra quem você deu seu coração?

b. “foi **pra ele** que eu dei meu coração”. (Facebook, set./2011)

De acordo com o julgamento da autora deste trabalho, todas as onze clivadas objeto são adequadas para responder uma pergunta sobre o objeto sem que isso implique contrastividade e/ou exaustividade, como defendem alguns autores (cf. BELLETTI, 2008; GUESSER; QUAREZEMIN, 2013). Por exemplo, no par (27a-b), temos uma pergunta do tipo wh sobre o objeto (pra quem você mostrou essa música?) e a resposta (Foi pra Nívea que mostrei), uma clivada, contém um elemento focalizado que substitui a expressão wh. No entanto, podemos observar que todas as onze clivadas adequadas para responder uma pergunta sobre o objeto possuem algumas características em comum, quais sejam: a) todas as sentenças focalizam o objeto indireto,

ou seja, o argumento preposicionado e; b) todos os verbos são compostos por três argumentos (verbos triargumentais).

Como vimos na análise das clivadas sujeito, esse tipo de sentença ocorre em contexto pergunta-resposta independente do tipo de verbo, se é biargumental ou triargumental. Já em relação às clivadas objeto apresentadas aqui consideradas como adequadas em contexto pergunta-resposta, todas focalizam o objeto preposicionado de um verbo triargumental. Para verificar com mais detalhes essa particularidade, cabe analisarmos se clivadas focalizando objeto direto de verbos triargumentais e objeto indireto de verbos biargumentais são capazes de veicular um simples foco de informação, respondendo uma pergunta sobre o objeto. Para isso, apresentamos, abaixo, dois dados de clivadas objeto coletadas por Vicente (2014) no banco de dados online do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ)²⁰. Vejamos os dados:

(36) “Foi [_F um, um treinamento de professores] que eu dei.”
(NURC/RJ – 142)

(37) “Foi [_F a estufa fria] que eles fizeram em Lisboa.”
(NURC/RJ – 352)

As sentenças (36) e (37), acima, não são adequadas para responder uma pergunta sobre o objeto, como “O que você deu?”, para a clivada (36) e “O que eles fizeram em Lisboa?” para a clivada (37). As duas sentenças focalizam um objeto direto, o que diferencia dos dados que encontramos nas redes sociais (com objeto indireto) que se mostraram adequados para responder uma pergunta sobre o objeto.

Vimos, de acordo com os dados pesquisados nesta dissertação, que quando o elemento clivado é o objeto indireto de verbos triargumentais a clivada é adequada para responder uma pergunta sobre o objeto, ou seja, ela veicula foco de informação. No entanto, os dados

²⁰ Em 2014, pesquisamos dados de clivadas no Banco de Dados online do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC/RJ). No entanto, os dados que encontramos, assim como os dados desta dissertação, não estavam em contexto de pergunta-resposta. Deste modo, percebemos a dificuldade em pesquisar esse tipo de fenômeno em banco de dados e, por isso, optamos por pesquisar dados para esta dissertação em Redes Sociais. No entanto, esse tipo de busca de dados também não se mostrou eficiente, visto que nenhuma sentença estava no contexto em que gostaríamos de analisar.

de Vicente (2014) nos mostram que quando o elemento clivado é o objeto direto de verbos biargumentais, esse tipo de sentença não é adequada para responder uma pergunta sobre o objeto, já que a clivada objeto direto apresenta mais informações do que requer a pergunta, estão envolvidos traços de contrastividade e/ou exaustividade. Situação essa já defendida por Belletti (2008), Quarezemin (2009) e Guessser e Quarezemin (2013). De acordo com as autoras, o tipo de foco veiculado por essas sentenças está localizado na periferia esquerda do CP complemento da cópula, posição típica de foco de contraste/correção.

E clivadas focalizando o objeto indireto de verbos biargumentais podem veicular foco de informação? Defendemos que esse tipo de estrutura não veicula foco de informação, apenas foco contrastivo/exaustivo, assim como observou Lunguinho (2015). Vejamos o dado (38), abaixo.

- (38) a. Do que Maria gosta?
 b. # É [_F de chocolate] que Maria gosta.

A sentença (38b) não é adequada para responder a pergunta (38a), pois fornece mais informações do que a pergunta solicita. A sentença (38b) seria adequada em um contexto de contraste/exaustividade, pois não soa natural respondendo apenas uma pergunta sobre o objeto.

Por fim, testaremos se clivadas focalizando o objeto direto de verbos triargumentais são adequadas para responder uma pergunta sobre o objeto (direto).

- (39) a. O que o João entregou para a Maria?²¹
 b. # Foi [_F uma caneta] que o Joao entregou para a Maria.

A sentença (39), assim como a (38) também não é adequada para responder uma pergunta sobre o objeto (neste caso, objeto direto), pois apresenta mais informações do que a pergunta requer. No entanto, se a pergunta fosse “para quem o João entregou a caneta?” a clivada “Foi para a Maria que o João entregou a caneta” seria adequada.

Vimos que as clivadas sujeito podem responder uma pergunta sobre o sujeito independentemente do tipo de verbo, seja biargumental ou triargumental, esse fato, como vimos, está de acordo com Belletti (2008), Guessser (2007) e Guessser e Quarezemin (2013). De acordo com a análise proposta pelas autoras, o elemento focalizado, nesse caso,

²¹ As sentenças (38) e (39) foram criadas pela autora desta dissertação.

ocupa uma posição baixa de foco, mais especificamente na periferia da cópula. No entanto, no que diz respeito a uma clivada objeto, vimos que ela pode ser adequada para responder uma pergunta sobre o objeto. No entanto, isso só ocorre em um contexto específico, quando o elemento clivado é o objeto indireto de um verbo triargumental.

Através dos dados apresentados, verificamos uma assimetria: enquanto clivadas sujeito podem responder uma pergunta sobre o sujeito sem apresentar restrições no que diz respeito ao tipo de verbo, clivadas objeto também são capazes de responder uma pergunta sobre o objeto, no entanto, esse tipo de sentença é mais restrita, visto que apenas objetos indiretos clivados de verbos triargumentais são adequados para responder uma pergunta sobre o objeto. A assimetria verificada na literatura foi mostrada nos dados apresentados. No entanto, a assimetria entre as clivadas sujeito e objeto não se manifesta apenas no que diz respeito ao tipo de argumento clivado (sujeito ou objeto), mas sim no tipo de objeto que é clivado e de sua relação com o número de argumentos do verbo. Os dados apresentados aqui inseridos em contextos de pergunta-resposta confirmam a observação de Linguinho (2015) de que a clivada objeto é adequada para responder uma pergunta sobre o objeto somente quando o elemento focalizado for o objeto indireto de um verbo triargumental. Nos estudos sobre a assimetria apresentados no segundo capítulo, as pesquisas de Belletti (2008), Guessier e Quarezemin (2013), dentre outros, mostram que clivadas objeto não são adequadas para responder uma pergunta sobre o objeto. Para as autoras, clivadas objeto sempre estão relacionadas com contextos de contraste e/ou exaustividade.

Ao assumir a análise de Belletti (2008), vimos que clivadas sujeito com foco de informação ocupam uma posição baixa de foco, mais especificamente na periferia de VP. No entanto, a autora defende que clivadas objeto não podem ocupar essa posição de foco porque o objeto não pode cruzar o sujeito. Deste modo, não podendo alcançar a periferia VP da cópula, posição típica de foco de informação, as clivadas objeto não são capazes de veicular esse tipo de foco. No entanto, os dados apresentados acima mostram que clivadas objeto podem ser adequadas como resposta a uma pergunta sobre o objeto, mas isso ocorre apenas quando o elemento clivado é o objeto indireto de verbos triargumentais. Entretanto, esse caso específico não foi observado na literatura sobre a assimetria. Sendo assim, surgem algumas indagações a respeito dessa particularidade das clivadas objeto:

a) Esse fenômeno também ocorre em outras línguas ou apenas no PB?

b) O objeto indireto clivado de sentenças triargumentais ocupa uma posição baixa, como nas clivadas sujeito, proposta por Belletti (2008), ou localiza-se na periferia esquerda da sentença?

c) Por que apenas os objetos indiretos dos verbos triargumentais podem veicular foco de informação?

A proposta desta dissertação era apresentar a discussão da assimetria sujeito-objeto nas clivadas e mostrar como esse fenômeno se comporta nos dados do PB. Como vimos, as sentenças coletadas não estavam em contexto adequado para uma análise mais aprofundada dos dados, visto que não encontramos nenhuma sentença em contexto de pergunta-resposta. Então, elaboramos perguntas para testar se essas sentenças seriam adequadas no referido contexto. Apresentamos, de acordo com a intuição da pesquisadora, a adequação ou inadequação de cada tipo de sentença para responder uma pergunta sobre o sujeito ou o objeto. Seria interessante a elaboração de um experimento que apresentasse contextos com perguntas do tipo *wh* (sobre o objeto preposicionado de verbos triargumentais) e que fornecesse diferentes opções de respostas (clivadas, sentença SVO, etc.). Assim, os participantes escolheriam a opção que usariam para responder esse tipo de pergunta. Será que as clivadas seriam escolhidas nesse contexto? Esse tipo de experimento fica de sugestão para trabalhos futuros.

Ainda em relação às clivadas objeto, no seu contexto original observamos dois casos de foco que apresentam traços de tópico, ou seja, que estão presentes no contexto discursivo, são eles:

a) A: “A: “ontem fumamos com uns caras brutais na rdp”

B: “foi pra eles que eu vendi o 20 na frente da escadaria do mueller” (Twitter, set./2012)

b) “do meu primo, o tal do RONALDÃO. foi pra ele que eu vendi os jogos...” (Twitter, dez./2011)

Em (a), o foco “eles” refere-se a “uns caras”, já presente no contexto. E em (b), o foco “ele” refere-se a “meu primo, o tal do Ronaldão”, também já presente no contexto discursivo. Guessier e Quarezemin (2015) defendem que uma clivada objeto é adequada nesse

contexto. As autoras sugerem a representação em (40), aplicada à sentença b).

(40) *pro*_{expl} [TP ... foi [_{FocP}[+ foco; +tópico] pra ele;_{Foc°}... [_{FinP} que [_{TP} eu vendi os jogos t_i]]]]

Na representação proposta pelas autoras, o foco, que também possui traço de tópico, localiza-se no Spec Foc do CP encaixado. A compatibilidade dos traços foco e tópico em um mesmo elemento precisa ser melhor investigada, de acordo com as próprias autoras.

3.3.1 Sobre a assimetria sujeito-objeto nas clivadas

De acordo com a análise apresentada acima, vimos que há diferença no que diz respeito às clivadas sujeito e objeto em contexto de nova informação. Uma clivada sujeito é adequada para responder uma pergunta sobre o sujeito, ou seja, é capaz de veicular um foco de informação, sem apresentar restrições. No que diz respeito às clivadas objeto, vimos que essas sentenças se diferenciam das clivadas sujeito porque elas apresentam restrições em relação ao foco de informação. Uma clivada objeto pode ser adequada para responder uma pergunta sobre o objeto, no entanto, isso ocorre apenas quando o elemento clivado é o objeto indireto de verbos triargumentais. Portanto, há uma assimetria entre clivadas sujeito e objeto, mas essa assimetria não está relacionada à capacidade ou não de clivadas objeto veicularem foco de informação, mas sim em relação às restrições apresentadas pela clivada objeto no que diz respeito ao tipo de objeto, o que não ocorre com uma clivada sujeito.

Belletti (2008) e Guessier e Quarezemin (2013) tratam apenas da assimetria entre sujeito e objeto clivados com foco de informação. As autoras consideram inadequada uma clivada objeto no contexto de pergunta-resposta. Segundo a autora, a representação para uma clivada sujeito como “Foi meu avô que me deu”, respondendo uma pergunta sobre o sujeito, pode ser representada como em (41).

(41) a. “Foi **meu avô** que me deu.” (Facebook, mar./2016)

b. *Pro*_{expl} ... [TP foi_j ... [_{FocP} Deus_i [_{VP} t_j [~~CP~~ Foree ... [EPP t_i ... [_{FinP} que [_{TP} criou t_i]]]]]]

Na representação acima, o Foco está na periferia da cópula, entre IP (TP) e o VP da cópula. As autoras assumem que as clivadas objeto não

são adequadas para responder uma pergunta sobre o objeto. Sendo assim, elas ocorreriam apenas em contexto de contraste/exaustividade. Neste caso, o foco localiza-se na periferia esquerda da sentença subordinada.

O experimento realizado por Alves *et al* (2015) mostra que há diferença entre o processamento de clivadas sujeito e clivadas objeto. O resultado do experimento indica que o processamento das clivadas objeto é mais custoso do que o processamento das clivadas sujeito. Além disso, as clivadas objeto foram as preferidas pelos informantes em um contexto de contraste. Esse resultado apresenta evidências de que estamos diante de dois tipos de estrutura diferentes: uma mais custosa e outra menos custosa de ser processada. Também podemos relacionar esse resultado com a possibilidade de uma clivada sujeito ser encontrada em mais contextos do que uma clivada objeto, como nos mostram alguns trabalhos sobre as clivadas (cf. BELLETTI, 2008; 2014; GUESSER; QUAREZEMIN, 2013; QUAREZEMIN, 2014).

Nesta dissertação, defendemos que ocorre uma assimetria entre clivadas sujeito e clivadas objeto, visto que clivadas sujeito não apresentam restrições no que diz respeito aos tipos de foco que ela pode veicular. Uma clivada objeto, por sua vez, apresenta restrições, já que pode veicular, sem restrições, apenas os focos exaustivo e contrastivo. No que se refere ao foco de informação, esse tipo de sentença pode ocorrer, mas somente em um contexto bem específico: quando o elemento clivado é o objeto indireto de verbos triargumentais.

Fica por explicar por que as clivadas objeto apresentam essa particularidade e se isso ocorre em outras línguas ou se pode ser constatado apenas no PB. Esses pontos podem ser explorados em estudos futuros.

3.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Dedicamos este capítulo aos dados. Primeiramente, apresentamos a metodologia utilizada na coleta de dados. Pesquisamos, nas buscas das redes sociais, sequências de palavras que remetiam à clivadas, como “foi que”, etc. Os dados encontrados não estavam inseridos em contexto de pergunta-resposta.

Em seguida, apresentamos e comentamos os dados (em seus devidos contextos, quando havia), tanto de clivadas sujeito quanto de clivadas objeto. Agrupamos os que apresentavam tipos de foco ou verbos similares. Vimos que as sentenças, no seu contexto original, não nos dão respaldo para constatar se de fato podem ser consideradas

sentenças clivadas, ou seja, se o elemento localizado entre a cópula e o complementizador é o foco (informação nova) da sentença e se o trecho que segue o complementizador é a pressuposição (informação compartilhada pelo falante). A busca por dados não controlados, como fizemos nesta pesquisa, não se apresentou satisfatória para discutirmos o fenômeno da assimetria nas clivadas. Com isso, constatamos que para verificar o fenômeno da assimetria, a busca por dados deve ser feita através de metodologia diferente, mais controlada, pois se especificássemos os contextos (como no caso de um experimento, por exemplo) que gostaríamos de analisar, encontraríamos dados.

Como os dados coletados não estavam em um contexto apropriado para a análise, consideramos que as sentenças se tratavam de clivadas e elaboramos perguntas sobre o sujeito e o objeto focalizados para testarmos se as sentenças seriam adequadas num contexto típico de foco de informação. Fizemos testes com as clivadas sujeito (com verbos biargumentais e triargumentais) e com as clivadas objeto coletadas (apenas com verbos triargumentais). A fim de testar as clivadas focalizando objeto direto de verbos triargumentais e objetos indiretos de verbos biargumentais, apresentamos outros dados (criados e de outra pesquisa).

Os resultados nos mostraram que as clivadas sujeito são adequadas para responderem uma pergunta sobre o sujeito, sem apresentar restrições. No que diz respeito às clivadas objeto, vimos que elas apresentam restrições quanto ao objeto clivado (se é preposicionado ou não) e em relação à quantidade de argumentos que o verbo apresenta. Vimos que as clivadas objeto são capazes de veicular foco de informação apenas quando o elemento clivado é o objeto indireto de verbos triargumentais.

Comparando nossos resultados com os textos apresentados no segundo capítulo, vimos os nossos dados sobre as clivadas sujeito vão ao encontro das propostas de Belletti (2008) e Guesser e Quarezemin (2013). Para as autoras, o foco de informação das clivadas sujeito ocupa a posição de foco na periferia VP da cópula. Quanto às clivadas objeto, concordamos com a proposta das autoras que esse tipo de clivada apresenta uma assimetria quando comparada à clivada sujeito. No entanto, as autoras consideram que esse tipo de sentença não é adequada para responder uma pergunta sobre o objeto, já que ela sempre teria uma interpretação exaustiva e/ou contrastiva, sendo que seu foco localiza-se na periferia esquerda do CP complemento da cópula. Como vimos, os dados nos mostraram que uma clivada objeto pode ser adequada para responder uma pergunta sobre o objeto, no entanto, isso é possível

somente em um contexto: quando o elemento clivado é o objeto indireto de verbos triargumentais. Esse fato não foi considerado pelas autoras.

Sendo assim, poderá ser abordado em trabalhos futuros investigação sobre o motivo de as clivadas objeto serem adequadas apenas nesse contexto específico, bem como se isso ocorre em outras línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação nos propusemos a investigar, através de dados obtidos no banco de dados do PEUL/RJ e em redes sociais, se sentenças clivadas sujeito e objeto podem estar associadas ao foco de informação.

No primeiro capítulo, apresentamos a definição de clivada, que são formadas pela seguinte sequência: cópula + foco + CP, sendo que o CP das clivadas é preenchido pelo complementizador ‘que’. O foco veicula a informação nova na sentença e o CP contém a pressuposição (informação compartilhada pelos participantes da conversa). Definimos foco, que é a informação nova na sentença e vimos três tipos de foco: o de informação, que apenas veicula a informação nova na sentença, o de identificação/exaustivo, que veicula uma informação exaustiva; e o contrastivo, que contrasta ou corrige uma informação dada anteriormente.

Para Kiss (1998), um foco exaustivo (denominado por ela de identificação) pode ser representado por [x e apenas x]. A autora diferencia esse tipo de foco do foco de informação. O foco de identificação ocupa o especificador de uma projeção funcional, já o foco de informação não envolve reordenação sintática. Segundo Kiss (1998), o foco exaustivo no húngaro seria veiculado com sentenças pré-verbais, já no inglês as clivadas que veiculariam foco exaustivo. A autora também apresenta o traço [exaustivo] para a diferenciação dos dois tipos de foco: o de informação apresenta valor negativo para esse traço, enquanto o exaustivo apresenta valor positivo.

Também vimos um terceiro tipo de foco, o contrastivo. Zubizarreta (1998) compara o foco contrastivo com o não contrastivo (de informação) e apresenta o traço [contrastivo]. Se o valor for positivo para esse traço, estamos diante de um foco contrastivo, que pode ser lido como [x mas não y], se o foco for não contrastivo, o valor será negativo. Mito (2003), levando em consideração Kiss (1998) e Zubizarreta (1998), elabora um quadro apresentando os três tipos de foco com seus respectivos traços. Além disso, o autor assume que, assim como no inglês, as clivadas, no PB, também veiculam foco exaustivo. Outros autores (cf. BELLETTI, 2008; 2014; GUESSER; QUAREZEMIN, 2013) defendem que clivadas sujeito podem veicular foco de informação, mas não as clivadas objeto. No fim do capítulo, mostramos a observação de Lunguinho (2015) sobre a possibilidade de o objeto indireto clivado de verbos triargumentais, quando em contexto de pergunta-resposta, ser capaz de veicular foco de informação. Por fim,

apresentamos nossa proposta, que é investigar se clivadas sujeito e objeto podem estar associados ao foco de informação no PB.

No segundo capítulo, apresentamos os trabalhos teóricos a respeito da cartografia, da estrutura das clivadas, e da assimetria sujeito-objeto em clivadas com foco de informação. Segundo Cinque e Rizzi (2008), a cartografia procura desenhar mapas detalhados das configurações sintáticas. De acordo com essa linha de pesquisa, cada núcleo expressa uma propriedade particular que será capturada pela estrutura em uma posição específica. Rizzi (1997) estuda a periferia esquerda da sentença e suas funções. Uma delas é o foco, e o autor representa na estrutura a relação do foco, que ocupa a posição de especificador de FocP; e da pressuposição, que é o seu complemento. Belletti (2004) analisa a estrutura VP e propõe que a posição do foco de informação ocupa uma posição baixa, interna à IP.

Sobre as sentenças clivadas, apresentamos a proposta unificada de Modesto (2001), que analisa as sentenças sintática e semanticamente. Vimos também a proposta de Mioto (2003) e Mioto e Negrão (2007), que defendem que clivadas e pseudoclivadas possuem estruturas diferentes, pois enquanto o núcleo das clivadas é preenchido pelo complementizador ‘que’, o das clivadas é preenchido pela expressão Wh. Além disso, o CP das clivadas, mas não o das pseudoclivadas, pode aparecer tanto no início quanto no fim da sentença.

Ainda no segundo capítulo, apresentamos as pesquisas de Belletti (2008a;b; 2014), para as línguas italiana e francesa; e de Guessier e Quarezemin (2013) para o PB. Os dois trabalhos verificam que as clivadas sujeito podem estar associadas aos três tipos de foco, já as clivadas objeto veiculam apenas foco contrastivo e exaustivo. De acordo com Belletti (2008a;b), o foco contrastivo ou exaustivo das clivadas - tanto sujeito quanto objeto - ocupa uma posição de foco na periferia esquerda do CP complemento da cópula. No que diz respeito ao foco de informação, ele localiza-se na periferia de VP. No entanto, segundo a análise das autoras, somente as clivadas sujeito são capazes de veicular esse tipo de foco, porque, em consequência de princípios de localidade, apenas o sujeito do CP pode checar o traço EPP.

O terceiro capítulo foi dedicado aos dados e à sua respectiva análise. Nele, descrevemos a metodologia da coleta dos dados. Optamos por realizar buscas em um banco de dados e em redes sociais porque a linguagem empregada é muito próxima da fala coloquial, além de tratar-se de contexto não controlado, mas obtivemos bastante dificuldade para encontrar dados de clivadas, e não encontramos esse tipo de sentença no

contexto que pretendíamos analisar, isto é, no contexto pergunta-resposta.

Em seguida, apresentamos e discutimos os dados coletados. Por meio da busca, encontramos apenas uma sentença com a sequência de uma clivada sujeito no banco de dados do PEUL/RJ e vinte e duas sentenças nas redes sociais. Das vinte e três sentenças, seis delas eram compostas de verbos biargumentais e dezessete com verbos triargumentais. Sobre as sentenças com a sequência de uma clivada objeto, não encontramos nenhum dado no banco de dados e coletamos onze sentenças nas redes sociais, todas com verbos triargumentais. Como as sentenças não estavam nos contextos que gostaríamos de analisar, não foi possível precisar se as sentenças coletadas se tratavam de clivadas, ou seja, se o elemento ensanduichado entre a cópula e o complementizador era o foco da sentença, e se o que seguia o complementizador era a pressuposição. Assim, concluímos que a busca por dados não controlados não se mostrou satisfatória para a análise da assimetria das clivadas em contexto pergunta-resposta.

Portanto, considerando que se tratava de clivadas, elaboramos perguntas sobre os elementos focalizados (sujeito e objeto) para testarmos se essas clivadas seriam adequadas num contexto de foco de informação. Fizemos esses testes também com as clivadas focalizando objeto indireto de verbo biargumental e objetos diretos de verbos triargumentais. O resultado, baseado na intuição da pesquisadora, mostrou que as clivadas sujeito são adequadas para responder uma pergunta sobre o sujeito, sem apresentar restrições. Quanto às clivadas objeto, vimos que esse tipo de sentença só é adequada pra responder uma pergunta sobre o objeto quando o elemento focalizado for o objeto indireto de verbos triargumentais.

Comparando a análise com os textos apresentados no segundo capítulo, vimos que, no que diz respeito às clivadas sujeito, nossos dados vão ao encontro da proposta de Belletti (2008) e Guesser e Quarezemin (2013), já que esse tipo de sentença é adequada para responder uma pergunta sobre o sujeito. Assumimos a proposta cartográfica das autoras, onde o foco ocupa uma posição baixa na sentença, na periferia de VP, posição típica de foco de informação. Sobre as clivadas objeto, as autoras defendem que esse tipo de sentença não é capaz de veicular foco de informação, pois elas sempre estariam relacionada a contextos de contraste e/ou exaustividade. O foco desse tipo de estrutura, assim, estaria localizado na periferia esquerda do CP complemento da cópula, posição típica de um foco contrastivo/exaustivo. No entanto, vimos que uma clivada objeto pode

ser adequada para responder uma pergunta sobre o objeto sem que isso implique em contraste ou exaustividade, esse caso ocorre apenas em um contexto específico: quando o elemento focalizado é o objeto indireto de verbos triargumentais, como observou Lunguinho (2015). Essa particularidade não foi considerada pela literatura sobre a assimetria nas clivadas. Algumas questões permanecem para maiores esclarecimentos: a) Por que apenas o objeto indireto de um verbo triargumental é adequado para veicular foco de informação? b) Será que esse objeto encontra-se na periferia esquerda da sentença subordinada? Ou estaria na periferia da cópula? c) Essa particularidade se apresenta em outras línguas ou ocorre apenas no PB?

Nosso objetivo principal nesta dissertação era investigar se as sentenças clivadas sujeito e objeto podem estar associadas ao foco de informação no PB. Os dados, inseridos em contexto pergunta-resposta, apontam que tanto clivadas sujeito quando clivadas objeto podem estar associadas ao foco de informação no PB. No entanto, apenas as clivadas objeto apresentam restrições nesse contexto. Como vimos, as clivadas objeto só podem estar associadas ao foco de informação o PB quando o elemento focalizado for o objeto indireto de verbos triargumentais.

A nossa hipótese era de que há diferença estrutural entre clivadas sujeito e objeto no PB, já que apenas clivadas sujeito seriam capazes de veicular foco de informação. Como vimos, de fato há uma assimetria entre clivadas sujeito e objeto no PB no que diz respeito ao contexto de foco de informação. No entanto, as clivadas objeto são capazes de veicular foco de informação apenas em um contexto específico.

Assim, as principais contribuições desta pesquisa são: a) o método mais eficiente de coletar dados a fim de realizar uma análise a respeito da assimetria sujeito-objeto nas clivadas é realizar um experimento com contextos controlados, visto que não foram encontrados, nos contextos que gostaríamos de analisar, sentenças em banco de dados nem nas redes sociais, contextos estes não controlados e; b) de fato ocorre uma assimetria no que diz respeito às clivadas sujeito e objeto com foco de informação, ou seja, clivadas objeto apresentam restrições, o que não ocorre com clivadas sujeito. No entanto, essa restrição, como vimos, está relacionada ao tipo de objeto (indireto ou direto) e ao tipo de verbo (biargumental ou triargumental), visto que as clivadas objeto ocorrem apenas quando focalizam objetos indiretos de verbos triargumentais. Essa particularidade não foi levada em consideração nos trabalhos sobre a assimetria e ficam algumas questões em aberto, que podem ser abordadas em estudos futuros, sobre a relação

entre o número de argumentos selecionado pelo verbo e a estrutura da sentença clivada.

REFERÊNCIAS

ALVES, M; OLIVEIRA, T; PEREIRA, L; ALMEIDA, P. Processamento de sentenças clivadas de sujeito e objeto denotando hiponímia e contraste no Português do Brasil. **ReVEL**, ed. especial, n. 10, 2015. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/8ff34075c75611394b73615c9fecc537.pdf>>. Acesso em: jan. 2016.

BELLETTI, A. Aspects of the low IP área. In: Rizzi, L. (ed). **The Structure of CP and IP**. Oxford: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <<http://www.ciscl.unisi.it/persona/belletti.htm>>. Acesso em: set. 2015.

_____. **Answering strategies**: New information subjects and the nature of clefts, 2008a. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/Book.Answering%20strategies1.biblio.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

_____. **The CP of Clefts**, 2008b. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/belletti2008-The_CP_of_Clefts.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

_____. The focus map of clefts: Extraposition and Predication. In: Shlonky, U. (ed). **Beyond Functional Sequence** (The Cartography of Syntactic Structures series). Oxford: Oxford University Press, 2014. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/belletti2014-clefts.pdf>. Acesso em: jan. 2016.

CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography Syntactic of Structures. STiL – Studies in Linguistics, CISCL Working Papers, v. 2, 2008. P. 43-59. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/cinque-rizzi2008-The_cartography_of_Syntactic_Structures.pdf>. Acesso em: ago. 2015.

COSTA, João; DUARTE, Inês. **Minimizando a Estrutura**: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL/Colibri, 2001. P. 627-638.

Facebook. Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: jan. 2016.

GUESSER, S. **La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano**. Tese (Doutorado em Informática, Lógica Matem. e Ciências Cognitivas) - Università degli Studi di Siena, Siena, 2011.

_____. QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. **Revista Linguística** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jun. 2013. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wp-content/uploads/2013/06/revista-linguistica-v9-n1-focalizacao-cartografia.pdf>>. Acesso em: mai. 2015.

KATO, M. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, jan.-abr./2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_30.pdf>. Acesso em: mar. 2016.

KISS, K. Focus Identificational versus Information Focus. **Language**, v. 74, n 2, p. 245-273, 1998.

MENUZZI, S. Algumas Observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. **Revista Letras**, Curitiba, n. 86, jul.-dez./2012. P. 95-121. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letas/article/view/29909>>. Acesso em: abr. 2016.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, 56, p. 97-139, 2001.

_____. Focalização e Quantificação. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, 61, p. 169-189, 2003. Disponível em: <http://www.letas.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/mioto.pdf>. Acesso em: mai. 2015.

_____; NEGRÃO, Esmeralda. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. DE; TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (Orgs.). **Descrição, História e**

Aquisição do Português Brasileiro. São Paulo, FAPESP; Campinas: Pontes, 2007, p. 159-183.

MODESTO, Marcello. **As construções clivadas no Português do Brasil:** Relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

PINTO, Carlos Felipe da Conceição. **Clivadas Básicas e Pseudo-clivadas Extrapostas:** uma análise unificada. Anais do CELSUL, 2008.

POLLI, T. **A periferia à esquerda da sentença no Português Brasileiro:** Funções discursivas de seus Constituintes e sua derivação. 252f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

QUAREZEMIN, S. **Estratégias de Focalização no Português Brasileiro** – uma abordagem cartográfica. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. **Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas.** Veredas, v. 18/1, p. 60-78, 2014.

Reddit. Disponível em: <www.reddit.com>. Acesso em: jan. 2016.

RESENES, M. **Sentenças pseudo-clivadas do Português Brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. **A sintaxe das construções semiclivadas e pseudoclivadas no português brasileiro.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RIZZI, L. The fine structures of left periphery. In: HAEGEMAN, L. Haegeman (ed). **Elements of Grammar.** Kluwer Academic Publishers, 1997. P. 281-337.

ROISENBERG, G.; MENUZZI, S. **Pressuposição, Exaustividade e Denegação nas Clivadas**. Artigo submetido à Revista de Estudos da Linguagem, UFMG, nov. 2008.

Twitter. Disponível em: <www.twitter.com>. Acesso em: jan. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Letras. Programa de estudos sobre o uso da línguas (PEUL). **Amostra Censo/1980**. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/peul/cen80texto.html>>. Acesso em: fev. 2016.

VICENTE, S. N. **SENTENÇAS CLIVADAS**: Assimetria sujeito-objeto focalizados. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

ZUBIZARRETA, M. L. **Prosody, Focus and Word Order**. MIT Press, 1998.